



PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM BIOÉTICA, ÉTICA APLICADA E SAÚDE COLETIVA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

CAMILLE DE BRITO BUTTER

**ASPECTOS ÉTICOS A PARTIR DE UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA PRODUÇÃO
ACADÊMICA SOBRE A OBRA DE NISE DA SILVEIRA**

Rio de Janeiro

2025

CAMILLE DE BRITO BUTTER

**ASPECTOS ÉTICOS A PARTIR DE UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA
PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE A OBRA DE NISE DA SILVEIRA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva, de instituições de ensino superior associadas, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Bioética orientada pela Professora Doutora Maria Claudia da Silva Vater da Costa Fiori.

Rio de Janeiro

2025

B988 Butter, Camille de Brito.

Aspectos éticos a partir de uma revisão sistemática da produção acadêmica sobre a obra de Nise da Silveira / Camille de Brito Butter. – Rio de Janeiro, 2025.

89 f.: il.; 30 cm.

Orientadora: Maria Claudia da Silva Vater da Costa Fiori.

Dissertação (Mestrado) - UFRJ/UFF/UERJ/FIOCRUZ. Programa de Pós-Graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva, 2025.

Referências: f. 82-89.

1. Nise da Silveira. 2. Saúde mental. 3. Psiquiatria. 4. Revisão sistemática. 5. Ética. I. Fiori, Maria Claudia da Silva Vater da Costa. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. III. Título.

CDD 171

FOLHA DE APROVAÇÃO

CAMILLE DE BRITO BUTTER

ASPECTOS ÉTICOS A PARTIR DE UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE A OBRA DE NISE DA SILVEIRA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva, em associação UFRJ-FIOCRUZ-UERJ-UFF, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Bioética Aplicada e Saúde Coletiva.

Aprovada em: 25 de novembro de 2025.

Profa. Dra. Maria Claudia da Silva Vater da Costa Fiori (Orientadora)
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Alexandre da Silva Costa
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Walter Fonseca Boechat
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Dedico este trabalho àquele que valorizava o
saber mais do que qualquer pessoa que já
conheci, meu querido e saudoso pai
(Em memória).

AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar agradecendo à minha orientadora Maria Claudia Vater por sua atenção e gentileza de sempre, além de seu apoio e incentivo em pesquisar a doutora Nise. Foi uma jornada especial adentrar ao mundo niseano.

Também gostaria de agradecer aos participantes da banca: Alexandre da Silva Costa e Walter Boechat. Muito obrigada pela disponibilidade e gentileza e por aceitarem compor esta banca.

Também gostaria de agradecer aos professores do Programa de pós-graduação em Bioética, Ética aplicada e Saúde Coletiva por serem nossos transmissores de conhecimento.

Agradeço à colega e pesquisadora Camila Baz por me estender à mão num momento de angústia, por ter lido meu trabalho e dado sugestões. Sua ajuda foi essencial, espero que saiba disso. Também ao colega Bruno por me incentivar a seguir em frente.

Agradeço à minha querida irmã Beatriz por ter debatido comigo os estudos encontrados na revisão, seu incentivo e afeto me impulsionaram a não desistir, seguindo em frente mesmo em meio aos obstáculos que nossa mente constrói.

Agradeço à minha cunhada Juliana e minha sogra Regina por me apoiarem e me incentivarem a seguir em frente.

Ao meu irmão Bruno e minha cunhada Jaqueline por me escutarem falando sobre essa pesquisa e o quanto foi difícil para mim concluí-la.

A meus tios e tias queridos e primas por sempre estarem ao meu lado apoiando.

A meu marido Victor, peça essencial nesse caminhar. Sem ele teria sido mais difícil, o caminho teria sido tortuoso. Obrigada pela ajuda com tabelas e gráfico e por me escutar choramingando, quase desistindo de tudo. Além de me incentivar e me escutar com gentileza e amor.

À minha avó amada que no “alto” de seus 91 anos me nutre de amor e afeto. Sem dúvida alguma você é uma das pessoas mais especiais em minha vida. Nossos bordados só existem por sua causa. Sinto profunda “emoção de lidar” quando bordamos juntas.

À minha mãe querida, te amo tanto, sem você nada disso seria possível. Obrigada por me acompanhar na visita do Museu de Imagens do Inconsciente, foi mais especial porque você estava ao meu lado.

Por fim, agradeço aos meus cachorros Fifa e Neneco, meu amor por vocês é tão grande que fica difícil colocar em palavras. Sem dúvida são meus coterapeutas, sempre

próximos, me incentivando com seus olhares e afeto. O dia que encontrei vocês na rua uma luz se abriu, ficou mais fácil seguir em frente. A vocês, todo meu amor.

Gostaria de começar agradecendo à minha orientadora Maria Claudia Vater por sua atenção e gentileza de sempre, além de seu apoio e incentivo em pesquisar a doutora Nise. Foi uma jornada especial adentrar ao mundo niseano.

Também gostaria de agradecer aos participantes da banca: Alexandre da Silva Costa e Walter Boechat. Muito obrigada pela disponibilidade e gentileza e por aceitarem compor esta banca.

Também gostaria de agradecer aos professores do Programa de pós-graduação em Bioética, Ética aplicada e Saúde Coletiva por serem nossos transmissores de conhecimento.

Agradeço à colega e pesquisadora Camila Baz por me estender à mão num momento de angústia, por ter lido meu trabalho e dado sugestões. Sua ajuda foi essencial, espero que saiba disso. Também ao colega Bruno por me incentivar a seguir em frente.

Agradeço à minha querida irmã Beatriz por ter debatido comigo os estudos encontrados na revisão, seu incentivo e afeto me impulsionaram a não desistir, seguindo em frente mesmo em meio aos obstáculos que nossa mente constrói.

Agradeço à minha cunhada Juliana e minha sogra Regina por me apoiarem e me incentivarem a seguir em frente.

Ao meu irmão Bruno e minha cunhada Jaqueline por me escutarem falando sobre essa pesquisa e o quanto foi difícil para mim concluí-la.

A meus tios e tias queridos e primas por sempre estarem ao meu lado apoiando.

A meu marido Victor, peça essencial nesse caminhar. Sem ele teria sido mais difícil, o caminho teria sido tortuoso. Obrigada pela ajuda com tabelas e gráfico e por me escutar choramingando, quase desistindo de tudo. Além de me incentivar e me escutar com gentileza e amor.

À minha avó amada que no “alto” de seus 91 anos me nutre de amor e afeto. Sem dúvida alguma você é uma das pessoas mais especiais em minha vida. Nossos bordados só existem por sua causa. Sinto profunda “emoção de lidar” quando bordamos juntas.

À minha mãe querida, te amo tanto, sem você nada disso seria possível. Obrigada por me acompanhar na visita do Museu de Imagens do Inconsciente, foi mais especial porque você estava ao meu lado.

Por fim, agradeço aos meus cachorros Fifa e Neneco, meu amor por vocês é tão grande que fica difícil colocar em palavras. Sem dúvida são meus coterapeutas, sempre

próximos, me incentivando com seus olhares e afeto. O dia que encontrei vocês na rua uma luz se abriu, ficou mais fácil seguir em frente. A vocês, todo meu amor.

RESUMO

BUTTER, Camille de Brito. **Aspectos éticos a partir de uma revisão sistemática da produção acadêmica sobre a obra de Nise da Silveira**. 2025. 89 f. Dissertação (Mestrado em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva) – PPGBIOS, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.

A presente dissertação de mestrado tem como objetivo identificar e analisar os aspectos éticos discutidos em trabalhos acadêmicos que abordam a obra e a atuação da psiquiatra Nise da Silveira, por meio de uma revisão sistemática da literatura. Reconhecida por sua postura humanista e por promover práticas terapêuticas inovadoras no campo da saúde mental no Brasil, Nise da Silveira rompeu com o paradigma biomédico, especialmente no tratamento de pessoas em sofrimento psíquico. A pesquisa seguiu os procedimentos metodológicos da revisão sistemática utilizando o fluxograma do protocolo Prisma, com a seleção de bases de dados, definição de descritores, critérios de inclusão e exclusão, e análise qualitativa dos artigos selecionados. Foram incluídos 24 estudos nesta revisão por responderem à pergunta de pesquisa, dentre os 24, 7 abordam de forma mais expressiva os aspectos éticos no trabalho de Nise. As bases de dados pesquisadas foram: SciELO, LILACS, Pubmed, Medline, Coleciona SUS, Index Psicologia, EBSCOhost e BDNEF. Os resultados demonstram que os aspectos éticos mais recorrentes nos trabalhos revisados dizem respeito à valorização da dignidade humana, à crítica às práticas manicomiais, à valorização da subjetividade e à defesa de abordagens terapêuticas centradas no indivíduo. A análise evidencia o papel transformador de Nise da Silveira no campo da saúde mental e reforça a importância de uma perspectiva ética humanizada e crítica nas práticas contemporâneas.

Palavras-chave: Nise da Silveira; ética; saúde mental; psiquiatria; revisão sistemática.

ABSTRACT

BUTTER, Camille de Brito. **Aspectos éticos a partir de uma revisão sistemática da produção acadêmica sobre a obra de Nise da Silveira**. 2025. 89 f. Dissertação (Mestrado em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva) – PPGBIOS, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.

This master's dissertation aims to identify and analyze the ethical aspects discussed in academic works that address the contributions and professional practice of psychiatrist Nise da Silveira, through a systematic literature review. Recognized for her humanistic stance and for promoting innovative therapeutic practices in the field of mental health in Brazil, Nise da Silveira broke with the biomedical paradigm, particularly in the treatment of individuals experiencing psychological distress. The research followed the methodological procedures of a systematic review using the PRISMA protocol flowchart, which included the selection of databases, definition of descriptors, inclusion and exclusion criteria, and qualitative analysis of the selected articles. A total of 24 studies were included in this review for meeting the research question; among them, 7 addressed more explicitly the ethical aspects of Nise da Silveira's work. The databases consulted were SciELO, LILACS, PubMed, Medline, Coleciona SUS, Index Psicologia, EBSCOhost, and BDNEF. The results show that the most recurrent ethical aspects identified in the reviewed works concern the appreciation of human dignity, criticism of asylum-based practices, emphasis on subjectivity, and advocacy for therapeutic approaches centered on the individual. The analysis highlights the transformative role of Nise da Silveira in the field of mental health and reinforces the importance of a humanized and critical ethical perspective in contemporary practices.

Keywords: Nise da Silveira; ethics; mental health; psychiatry; systematic review.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Atividades expressivas	33
Figura 2 – Fernando Diniz.....	51
Figura 3 – Adelina Gomes.....	53
Figura 4 – Emygdio de Barros.....	54
Figura 5 – Lúcio Noeman.....	56
Figura 6 – Duas mandalas de Manoel Godinho	58
Figura 7 – Nise no ateliê	59
Figura 8 – Animal coterapeuta	62
Figura 9 – PRISMA 2020 Fluxograma para novas revisões sistemáticas que incluam buscas em bases de dados, protocolos e outras fontes	67
Figura 10 – Total de estudos por eixos temáticos (24)	69

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Total de estudos localizados por base de dados (119).....	65
Gráfico 2 – Trabalhos selecionados após a primeira triagem.....	66
Gráfico 3 – Quantidade de artigos por ano (24)	71
Gráfico 4 – Palavras-chave.....	72

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Artigos incluídos na revisão aspectos éticos	73
Tabela 2 – Artigos incluídos método niseano	78

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDNEF	Base de Dados em Enfermagem
Coleciona SUS	Sistema de Informação e Acervo de Recursos Educacionais do Sistema Único de Saúde
EBSCOhost	Elton. B. Stephens Company
LILACS	Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
Medline	Medical Literature Analysis and Retrieval System Online
PRISMA	Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses
PubMed	U.S. National Library of Medicine Database
SciELO	Scientific Electronic Library Online
STOR	Seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 MÉTODO.....	21
3 HISTÓRIA DA LOUCURA E HUMANIZAÇÃO DO CUIDADO: INTERSECÇÕES ENTRE FOUCAULT E NISE DA SILVEIRA	23
4 REFLEXÕES ÉTICAS EM NISE DA SILVEIRA.....	37
5 EMOÇÃO DE LIDAR: CAMINHOS PARA UMA PSIQUIATRIA HUMANIZADA	45
6 REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA.....	64
6.1 CRITÉRIOS DA SELEÇÃO	64
6.2 ANÁLISE DOS TEXTOS SELECIONADOS.....	68
6.3 RESULTADOS DA REVISÃO SISTEMÁTICA	70
6.4 CARACTERÍSTICA DOS ESTUDOS.....	71
7 DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS.....	82

1 INTRODUÇÃO

Nise Magalhães da Silveira nasceu em 1905, em Maceió, estado de Alagoas. Formou-se em medicina na Bahia no ano de 1926, sendo a única mulher em sua turma. Em seu trabalho, desenvolveu uma abordagem terapêutica única, envolvendo o uso das atividades expressivas como meio de tratamento aos clientes em sofrimento psíquico. No Centro Psiquiátrico Pedro II, no Rio de Janeiro, Nise introduziu atividades expressivas, como pintura e modelagem, proporcionando aos internos uma forma alternativa de expressar suas emoções e enfrentar seus conflitos internos (Camara, 2002).

Compreender a trajetória de Nise da Silveira (1905–1999) é, portanto, um exercício que ultrapassa a mera biografia. Escrever sobre essa psiquiatra alagoana, cuja atuação transformou profundamente a clínica psiquiátrica brasileira, é ao mesmo tempo uma tarefa instigante e desafiadora: instigante, por revelar uma obra pautada na valorização do afeto e da humanização do cuidado em saúde mental e desafiadora, por exigir uma reflexão densa sobre os fundamentos e as práticas que sustentam sua proposta terapêutica inovadora.

A doutora Nise da Silveira destacou-se no cenário brasileiro por sua atuação inovadora e por seu pensamento crítico em relação ao paradigma biomédico dominante na medicina de sua época. Sua postura ética e política levou-a a rejeitar métodos violentos, como o uso de eletrochoques e as internações prolongadas, propondo, em contrapartida, uma abordagem terapêutica centrada no cliente. Defendeu um cuidado mais humano, voltado à recuperação de indivíduos em sofrimento psíquico, por meio da expressão espontânea do inconsciente e do fortalecimento do vínculo afetivo entre profissional e cliente.

Do início ao fim de sua trajetória, Nise se ocupou não apenas de pensar o componente médico do adoecimento dos indivíduos com os quais trabalhou, mas também, e de forma não menos importante, considerou os aspectos políticos e filosóficos.

Por meio de atividades expressivas e laborais, Nise apostava que os conteúdos mais profundos do psiquismo humano podiam se manifestar. Se interessava pelo “abismo”, como ela mesma dizia, e pontuava que cada conteúdo revelado deveria inspirar mais estudos por parte dos médicos.

Situava aquelas pessoas em sofrimento psíquico que atendia em uma relação de horizontalidade, conferindo aos seus clientes o mais alto grau de humanidade e dignidade. Qualificava os conteúdos que ali se expressavam como da maior importância. Diferente de uma relação hierarquizada tradicionalmente encontrada no binômio médico/paciente.

Essa concepção encontra ressonância nos inúmeros casos documentados em sua obra, como os de Emygdio de Barros, Adelina Gomes e Fernando Diniz. As pinturas e modelagens realizadas por eles revelam trajetórias singulares e profundas transformações psíquicas. Os três artistas, diagnosticados com esquizofrenia viveram longo tempo no hospital psiquiátrico Pedro II. Por meio das atividades expressivas, puderam elaborar e comunicar aspectos de seu mundo interno, muitas vezes desconectados da realidade externa, confirmando, na prática, a potência terapêutica e reveladora da criação artística defendida por Nise da Silveira (1992).

Nise enxergava, na terapêutica ocupacional, um dispositivo por meio do qual os clientes em sofrimento psíquico podiam não apenas entrar em contato com conteúdos inconscientes, mas também com suas possibilidades enquanto seres viventes, e não apenas com suas limitações. Apostava, portanto, em fazeres diversos que punham o sujeito no centro do seu processo, de forma ativa, vitalizando, por assim dizer, existências mortificadas por sintomas e diagnósticos. Acreditava que a experiência propriamente dita de realizar tarefas, ainda que de natureza simples, tinha efeito curativo, na medida em que as atividades estavam ligadas à existência de uma comunidade, da qual pertenciam e com a qual poderiam compartilhar uma existência com sentido. Havia o entendimento de que, ao se engajar em atividades cotidianas, os sujeitos tinham o potencial de reconstituir sua dignidade existencial por meio da criação de novos registros em seus corpos, estando ativos e com algum grau de agência e conexão com suas realidades.

Essa abordagem era transversalmente oposta àquela defendida pela psiquiatria clássica da época e, em certa medida, ainda presente na atualidade, na qual o sujeito é reduzido à sua condição de loucura e seus sintomas são compreendidos como algo a ser silenciado e controlado. Nise, coerente com essa crítica, referia-se aos psicotrópicos como “camisas de força química”, denunciando a tentativa de contenção dos afetos e da singularidade do indivíduo.

Sua trajetória dentro da terapia ocupacional refletiu, desde o início, esse posicionamento ético e epistemológico. A recusa em aderir a métodos de tratamento como o eletrochoque e a lobotomia marcou o início de um percurso revolucionário. Reintegrada ao serviço público em 1944, Nise iniciou seu trabalho no Hospital Pedro II, no Engenho de Dentro, onde se deparou com uma psiquiatria fortemente pautada em práticas violentas e desumanizadoras. Diante dessa realidade, recusou-se a compactuar com os métodos adotados na enfermaria, sendo, então, transferida para o setor de terapia ocupacional, área pouco valorizada pela equipe médica. Foi nesse espaço marginalizado que, em 1946, Nise fundou a

Seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação, inaugurando um novo meio de cuidado em saúde mental.

Na STOR, Nise desenvolveu um método próprio amparado por estudos e pesquisas na área da psiquiatria e psicologia. Estudou métodos de leitura de imagens registrados em seu livro *O Mundo das Imagens* (1992). No livro, a doutora registra pesquisas realizadas acerca das reinternações, sua reflexão sobre teorias na área da saúde mental que julgava arcaicas e divergentes de seu pensamento humanizante, além de mencionar a criação do Museu de Imagens do Inconsciente, fundado em 1952 e pensado como centro de pesquisas.

Tão importante quanto o Museu de Imagens do Inconsciente, a Casa das Palmeiras, fundada em 1956, idealizada por Nise da Silveira como um espaço de cuidado em saúde mental voltado ao acompanhamento de pessoas egressas de instituições psiquiátricas (Silveira, 1992). Nas palavras da própria Nise, “representa essa casa um degrau intermediário entre a rotina do sistema hospitalar, desindividualizado, e a vida na família e na sociedade, com seus inevitáveis e múltiplos problemas, onde a aceitação do egresso não se faz sem dificuldades” (Silveira, 1992, p. 21).

É relevante destacar a preocupação de Nise com a terminologia utilizada para se referir às pessoas em sofrimento psíquico. Em vez de “pacientes”, ela preferia chamá-los de “clientes”, termo que considerava mais adequado à relação estabelecida em sua prática clínica. Para Nise, a palavra “cliente” expressava uma concepção humanista da atenção em saúde mental, pautada na reciprocidade e na valorização do sujeito. Em contrapartida, a designação “paciente” remetia a uma posição passiva, de espera e submissão diante do profissional de saúde, o que destoava de sua proposta terapêutica centrada no cuidado e na autonomia.

Usualmente, entretanto, encontram-se na literatura diferentes formas de se referir a esses sujeitos, como “cliente”, “paciente” e “usuário”, como destaca o antropólogo Felipe Magaldi:

A própria nomeação da condição desses sujeitos gera um impasse. Nise chamava seus pacientes de clientes, ao passo que usuário da rede de saúde mental é o termo preferencial do movimento pela reforma psiquiátrica brasileira (Magaldi, 2018, p. 36).

Por este trabalho referir-se diretamente à obra de Nise da Silveira, optou-se por utilizar a palavra *cliente* de acordo com sua argumentação. Quando estiver utilizando citações, será mantida a escolha dos autores dos textos originais.

No que concerne ao contexto acadêmico, a obra de Nise da Silveira dialoga com diversas áreas e campos do saber, como psicologia, antropologia e medicina, trazendo um

olhar interdisciplinar. O estudo da atuação de Nise da Silveira no campo acadêmico justifica-se pela necessidade de entender e refletir sobre suas ideias e práticas voltadas para um novo olhar biomédico.

Dessa forma, este trabalho visa contribuir para a pesquisa na área da ética e da bioética, especificamente para estudiosos da atuação da doutora Nise da Silveira. Quais trabalhos acadêmicos destacam os aspectos éticos da obra de Nise e de que forma podemos entender a contribuição de Nise para a academia? O ponto principal do trabalho não é apenas entender as influências de Nise no meio acadêmico, mas também destacar de que forma seu legado pode ser aplicado na construção de práticas mais éticas no mundo atual.

A revisão bibliográfica evidenciou que ainda são relativamente escassos os trabalhos dedicados à análise da obra de Nise da Silveira, aspecto que será retomado ao longo desta dissertação. Essa lacuna contrasta com a profundidade de sua contribuição tanto teórica como prática no campo da saúde mental, revelando a necessidade de um olhar mais atento sobre sua trajetória e pensamento. Nise foi uma mulher que inspirou gerações. Sua preocupação com os que viviam em sofrimento psíquico ultrapassava a relação médico-paciente, pois ela enxergava além da doença que levava o indivíduo ao hospital. Essa sensibilidade não se restringia às relações humanas, mas também se estendia aos vínculos com os animais, que Nise reconhecia como parte fundamental do processo terapêutico.

Aliás, assim como Nise, tenho um amor enorme pelos animais. Acredito que são seres superiores que estão neste planeta para iluminar nossas vidas com tanto amor e ternura. Eles nos ensinam com o olhar, não pedem nada em troca e estão sempre ao nosso lado, desejosos apenas de nossa companhia. Como dizia Nise, eles atuam como uma espécie de “catalisador”, provocando o que há de melhor em nós por meio da emoção e ampliando a capacidade de criar vínculos afetivos e de se reconectar com a vida.

Conforme apontado por Catta-Preta (2021), em seus últimos anos de vida Nise da Silveira demonstrou uma crescente conexão com a natureza e, em especial, com os animais, cuja presença ocupava um papel central em sua visão terapêutica. Também é importante ressaltar que Nise se apoiou na obra de Jung¹, voltando-se para uma vivência mais instintiva e simbólica e reconhecendo nos animais não apenas companheiros afetivos, mas verdadeiros coterapeutas. Para Silveira (2015), o vínculo afetivo e incondicional desses seres tinha o poder

¹ Carl Gustav Jung (1875–1961) foi um psiquiatra e psicoterapeuta suíço, fundador da psicologia analítica. Inicialmente colaborador de Sigmund Freud, desenvolveu posteriormente uma abordagem própria acerca do inconsciente, introduzindo conceitos como o inconsciente coletivo, os arquétipos e o processo de individuação.

de auxiliar o paciente a se reconectar com a realidade externa, funcionando como uma ponte entre o mundo interno das imagens psíquicas e a consciência.

Na obra *Gatos: a emoção de lidar* (1998), a doutora Nise apresenta uma coletânea de contos, histórias e poesias que evidenciam sua profunda admiração e afeto pelos felinos. Entre os diversos relatos presentes no livro, destaca-se um episódio no qual um homem, funcionário de uma oficina, acostumado a alimentar uma gata, em um momento de irritação acaba por expulsá-la do local. Horas depois, a gata retorna trazendo um rato na boca, como se lhe oferecesse um presente. Esse episódio ilustra de forma sensível a capacidade dos animais de expressar lealdade e solidariedade, independentemente do estado emocional dos humanos com os quais convivem (Silveira, 1998).

A psiquiatra inclusive dedica um capítulo inteiro de seu livro *O Mundo das Imagens* (1992) a decifrar o simbolismo dos gatos. Para Nise (1992, p. 119), os felinos poderiam representar muitas coisas em sonhos, pinturas e trabalhos artísticos. O arquétipo dos gatos conforme apontado pela doutora pode representar os instintos e potencialidades individuais. Segundo trecho de *O Mundo das Imagens* (1992): “São frequentes as atitudes ambivalentes face ao gato, pois sua misteriosa natureza, tão rica em contrastes, parece atrair como ímã as projeções dos opostos humanos.

Numa passagem do livro *Nise da Silveira: uma psiquiatra rebelde* (2024), Ferreira Gullar destaca a presença dos animais “no âmbito da STOR e seu uso com propósitos terapêuticos” (Gullar, 2024, p. 40). Para Nise, os animais desempenhavam o papel de “coterapeutas”, integrando-se ao processo clínico como mediadores afetivos fundamentais na relação com os clientes. Assim, evidencia-se não apenas seu amor e sensibilidade em relação aos animais, mas também sua compreensão ampliada do cuidado em saúde mental.

Da mesma forma, é possível afirmar que sua prática não era motivada pelo aspecto financeiro da profissão médica, mas por uma dedicação verdadeira ao ser humano em sofrimento. Nesse sentido, compreender sua obra exige um aprofundamento em sua trajetória de vida e em suas concepções clínicas, sem o qual não se alcança a dimensão ética e humanista que orientava seu trabalho.

Embora meu conhecimento prévio sobre Nise da Silveira não fosse tão vasto, restrito principalmente ao filme sobre sua vida, estrelado por Glória Pires, e a algumas conversas pontuais com colegas, o cuidado com os chamados “clientes” era algo que chamava minha atenção em sua trajetória. Tanto no filme quanto em sua prática clínica emerge uma questão fundamental: o que leva um médico a dedicar tanto tempo ao acompanhamento dos casos de reinternação? Para Nise, a resposta residia na aproximação com cada indivíduo, buscando

compreender os fatores que poderiam desencadear ou intensificar seus desequilíbrios psíquicos, o que reafirma sua postura humanizada e singular no campo da psiquiatria (Berliner, 2015).

Ao longo dos anos, este projeto passou por algumas transformações: mudanças de tema, de percurso e dúvidas inerentes ao próprio objeto de pesquisa. No entanto, ao decidir tratar da trajetória da psiquiatra Nise da Silveira, encontrei maior entusiasmo e motivação, em grande parte devido ao meu interesse pelo campo psicossocial.

O primeiro contato mais aprofundado com sua obra ocorreu por meio da leitura de *Imagens do Inconsciente* (Silveira, 2015), que permitiu compreender melhor as atividades desenvolvidas por Nise junto aos indivíduos em sofrimento psíquico. Posteriormente, outras leituras complementaram esse processo, entre elas *O Mundo das Imagens* (Silveira, 1992) e *Gatos: a emoção de lidar* (Silveira, 1998), além de artigos que facilitaram a compreensão sobre sua prática clínica e seu legado.

Embora minha formação seja na área de Ciências Humanas, e não na Saúde, o trabalho desenvolvido como Técnica de laboratório em atenção psicossocial na Universidade Federal do Rio de Janeiro conecta-se diretamente com a pesquisa de dissertação e tornou possível atrelar os dois campos. Ele propiciou-me a aproximação entre um campo de estudo pouco antes explorado por mim. Ao adentrar este campo de trabalho, pude me familiarizar com as temáticas correlatas ao mundo da psiquiatria e da bioética, pela qual tive interesse antes mesmo de começar a trabalhar na universidade, no ano de 2018.

Foi nesse contexto de aproximação teórico-prática que o estudo da obra de Nise da Silveira ganhou relevância e trouxe questionamentos ao longo do percurso. Nise destacou-se como uma figura revolucionária e corajosa, defendendo mudanças profundas em uma época de pouco apoio entre seus pares. Como mulher e médica, ousou desafiar métodos psiquiátricos agressivos e silenciadores, propondo, em contrapartida, novas formas de cuidado mais potentes e humanizantes, fundadas na emoção e na valorização da subjetividade.

É importante afirmar que estudar os aspectos éticos encontrados em trabalhos que abordam a obra de Nise da Silveira colabora diretamente para um cuidado mais humanizado, para que os profissionais em saúde tomem as melhores decisões possíveis pensando no bem-estar dos sujeitos em sofrimento psíquico. Apesar de termos conquistado muitas mudanças ao longo dos anos com a reforma psiquiátrica, após esta, tivemos poucos novos movimentos de transformações na área da saúde como a criação dos CAPS. Pensando nisso, é importante investigar e pesquisar esses aspectos como meio de promover o diálogo e reflexão fomentando novas pesquisas.

A dissertação está estruturada em quatro capítulos. O primeiro capítulo apresenta uma breve história da loucura a partir da obra *História da Loucura na Idade Clássica* de Michel Foucault (1961) entrelaçada à trajetória profissional de Nise. O segundo capítulo apresenta a discussão ética sobre a obra de Nise da Silveira, destacando especialmente a ética do cuidado, a partir das contribuições de Carol Gilligan (2021), e às éticas da virtude, apoiada em Aristóteles e nas reformulações contemporâneas de Christine Swanton (2020).

O terceiro capítulo dedica-se à análise do conceito de “emoção de lidar” no trabalho de Nise, evidenciando sua relevância para a prática clínica e para a humanização do cuidado em saúde mental. Por fim, o quarto capítulo consiste em uma revisão sistemática da literatura, reunindo e examinando dados sobre os aspectos éticos identificados em trabalhos acadêmicos que abordam a trajetória e as contribuições da psiquiatra. Dessa forma, a organização do trabalho busca articular fundamentos teóricos e conceitos centrais, permitindo uma compreensão ampla e consistente do legado ético de Nise da Silveira.

2 MÉTODO

Esta pesquisa caracteriza-se como uma revisão sistemática da literatura de natureza qualitativa, conduzida segundo os princípios do protocolo PRISMA (*Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses*), adaptado à abordagem qualitativa. Tem como objetivo identificar, analisar e discutir os aspectos éticos presentes em trabalhos acadêmicos que abordam a obra e a prática da psiquiatra brasileira Nise da Silveira. De forma mais específica, propõe-se a discutir o conceito de “emoção de lidar”, explorando sua relevância para a humanização do cuidado em saúde mental, além de mapear e categorizar os aspectos éticos destacados nos estudos analisados, evidenciando suas principais ênfases e abordagens.

A pergunta que orienta o estudo é: “Quais aspectos éticos são discutidos em trabalhos acadêmicos sobre a obra e a atuação da psiquiatra Nise da Silveira?”. Busca-se, assim, compreender de que forma a produção acadêmica tem analisado ou evidenciado princípios éticos como respeito à subjetividade, cuidado humanizado, recusa à violência institucional, autonomia e dignidade, que marcam a atuação e o legado teórico-prático da autora.

Foram estabelecidos critérios de inclusão e exclusão para essa revisão. Entre os de inclusão, destacam-se: artigos científicos, dissertações e teses disponíveis integralmente; textos publicados entre 1990 e 2025 em português, inglês ou espanhol; trabalhos que discutam explicitamente aspectos éticos na atuação ou nas ideias de Nise da Silveira; e análises de caráter filosófico, ético, bioético ou relacionadas à ética do cuidado. Foram excluídos textos exclusivamente biográficos ou históricos sem discussões éticas, produções que apenas mencionam Nise da Silveira sem análise crítica ou aprofundada e publicações não acadêmicas, como reportagens, blogs, vídeos ou conteúdos de redes sociais.

A busca pelos trabalhos foi realizada entre janeiro e maio de 2025 em diferentes bases de dados e plataformas, entre elas: SciELO, LILACS, PubMed, Medline, Coleciona SUS, Index Psicologia, EBSCOhost e BDNEF. Essas bases foram selecionadas por reunirem publicações relevantes em saúde mental, ciências humanas, psicologia, bioética e ciências sociais, áreas diretamente relacionadas à atuação de Nise da Silveira. A estratégia de busca utilizou combinações de palavras-chave com operadores booleanos (AND, OR), tendo como descritores controlados os termos: “Nise da Silveira” AND “ética”; “Nise da Silveira” AND “aspectos éticos”; “bioética” AND “psiquiatria” AND “Nise da Silveira”; e “ética do cuidado” AND “Nise da Silveira”.

Os estudos identificados foram submetidos a um processo de triagem em duas etapas: inicialmente, leitura dos títulos e resumos para exclusão de materiais fora dos critérios estabelecidos; em seguida, leitura completa dos textos selecionados para análise aprofundada. Também é importante ressaltar que foram excluídos os trabalhos duplicados. Todo o processo foi documentado conforme o modelo PRISMA, com registro do número de estudos encontrados, excluídos e incluídos na análise final.

O estudo foi conduzido por meio de uma abordagem temática qualitativa, que permitiu identificar recorrências conceituais nos textos selecionados. Os temas centrais encontrados foram: críticas ao paradigma biomédico e ao modelo asilar; valorização da subjetividade e da expressão simbólica; ética do cuidado não violento; relação entre arte, saúde mental e liberdade; valorização da autonomia, além da humanização e recusa de métodos invasivos.

3 HISTÓRIA DA LOUCURA E HUMANIZAÇÃO DO CUIDADO: INTERSECÇÕES ENTRE FOUCAULT E NISE DA SILVEIRA

Historicamente, o campo da saúde mental tem sido um cenário complexo e em constante mudança, trazendo muitas influências filosóficas, científicas e culturais. Dois estudiosos fundamentais que contestaram os paradigmas estabelecidos no tratamento da saúde mental são Michel Foucault e Nise da Silveira. Foucault, filósofo francês, examinou criticamente as construções históricas e sociais da loucura em sua obra *História da Loucura na Idade Clássica* (1961), enquanto Nise da Silveira, psiquiatra brasileira, revolucionou os cuidados de saúde mental por meio do uso inovador das atividades expressivas e da rejeição de práticas médicas violentas e invasivas. De acordo com Anizia Lino de Messias:

Ambos apresentam discursos que se posicionam numa linha de pensamento não tradicional da psiquiatria, ou seja, numa linha de pensamento que vê o sujeito não apenas como um amontoado de sintomas, mas que preza pelos fenômenos existenciais dos indivíduos, isto é, pelo modo como os sujeitos vivenciam a si mesmos em seus corpos e como percebem os demais e o mundo ao seu redor (Messias, 2023, p. 10).

Nesta seção traremos um breve panorama sobre a história da loucura a partir da obra do filósofo francês Michel Foucault, publicada em 1961. Dada a extensão do livro, nos concentraremos em traçar uma visão do final do período clássico, focando principalmente no período moderno. Abordaremos questões como exclusão e controle social. A ideia é trazer a história da loucura de Foucault para adentrarmos à obra de Nise da Silveira.

No prefácio da primeira edição, Foucault manifesta sua intenção de elaborar uma história da loucura durante a Idade Clássica, compreendida como o período que se estende de Descartes a Kant. Esse intervalo histórico é caracterizado, segundo Maria do Rosário Gregolin, por determinadas formas de racionalidade que estabeleceram as bases para o surgimento da modernidade.

Foucault, segundo a autora, identifica dois marcos fundamentais nesse processo: a fundação do Hospital Geral em Paris, em 1657, que instituiu o internamento de diferentes grupos considerados desordeiros (como insanos, libertinos e desempregados), e o contexto revolucionário de 1794, quando ganhou força o mito da libertação dos loucos acorrentados nos hospitais de Bicêtre e La Salpêtrière, episódio associado à figura de Pinel (Gregolin, 2022).

De acordo com Fernando de Almeida Silveira e Richard Theisen Simanke, Foucault (1961) apresenta uma perspectiva da concepção e tratamento da loucura na civilização

ocidental desde a Idade Média até a era moderna, revelando como a loucura foi progressivamente segregada, medicalizada e silenciada. Inicialmente, na Idade Média e no Renascimento, a loucura era vista de duas formas: ora como manifestação de sabedoria divina, ora como uma forma de alteridade que apesar de perturbadora, ainda encontrava espaço na sociedade (Silveira; Simanke, 2009).

Para Foucault, nesse período, o louco era frequentemente associado à figura do "navio dos loucos", embarcações que vagavam pelos rios e mares, simbolizando a exclusão e o exílio dos indivíduos considerados desviantes. Conforme destaca Federico Testa, a experiência da loucura era, portanto, uma vivência complexa, permeada por elementos de mistério, transgressão e até mesmo de certa liberdade, em contraste com a rigidez das normas sociais (Testa, 2012).

Daniel de Souza Lemos, entretanto, afirma que a partir do século XVII, com o início do Iluminismo, a percepção da loucura sofre uma transformação importante, sendo associada à falta de racionalidade e à desordem, tornando-se, assim, uma ameaça à ordem social (Lemos, 2013).

Surgem, então, os primeiros hospitais psiquiátricos como o famoso Hospital Geral de Paris, que Foucault descreve como um espaço de confinamento e exclusão onde os loucos eram trancafiados juntamente com pobres, desempregados e outros marginalizados (Trujillo *et al.*, 2021).

Nesses lugares, a loucura era tratada como uma doença a ser curada através de métodos disciplinares e repressivos como o isolamento, o trabalho forçado e os tratamentos médicos da época, muitas vezes violentos e ineficazes. Como observado por Silveira e Simanke (2009), a internação e a segregação dos loucos representam, para Foucault, um marco na história da loucura, assinalando o início de um processo de objetificação e desumanização dos indivíduos considerados mentalmente adoecidos.

No século XIX, com o surgimento da psiquiatria como uma disciplina médica reconhecida, o advento da loucura foi submetido a rigorosas investigações científicas e intervenções terapêuticas. As figuras notáveis de alienistas como Philippe Pinel e Jean-Étienne Dominique Esquirol² defendiam uma abordagem mais “humanitária” para a compreensão da

² Philippe Pinel (1745–1826) é considerado o fundador da moderna psiquiatria especialmente em sua participação na reforma dos hospitais Bicêtre e Salpêtrière em Paris (Teixeira, 2019, resumo) e Jean-Étienne Dominique Esquirol (1772–1840) “é reconhecido entre um dos grandes clássicos da psiquiatria francesa da primeira metade do século XIX” (Pacheco, 2003, p. 152).

loucura, baseada na observação clínica e na categorização dos transtornos mentais (Testa, 2012).

Contudo, de acordo com Testa (2012), Foucault vai questionar a validade dessa abordagem, argumentando que, por trás da aparente preocupação com o bem-estar dos pacientes, persiste uma lógica de controle e normalização, na qual a loucura é vista como um desvio a ser corrigido através de técnicas de medicalização e psicologização. A psicanálise, que surge nesse cenário, embora represente um avanço em relação aos tratamentos tradicionais, também é alvo das críticas de Foucault, que a considera como uma forma de poder-saber que busca interpretar e controlar a mente dos indivíduos.

Conforme observa Rafael Haddock-Lobo, na perspectiva foucaultiana, o exercício de controle sobre os sujeitos considerados loucos manifesta-se à medida que esses indivíduos passam a representar uma perturbação na ordem social vigente, interferindo no modo de funcionamento estabelecido da sociedade:

A loucura, então, é revelada através desta nova percepção; o internamento, não tendo nenhuma função médica, trata apenas de preservar a ordem social; e, em nome da saúde pública, as vistas médicas têm por finalidade tão-somente constituir uma sólida exclusão social (Haddock-Lobo, 2008, p. 67).

Ao analisar a história da loucura, Foucault (2014) demonstra como as concepções e práticas relacionadas à saúde mental são construções sociais e históricas, moldadas por relações de poder e saber. A loucura, para este, não é uma entidade natural e objetiva, mas sim uma experiência subjetiva e culturalmente condicionada que é definida e categorizada de acordo com os valores e normas de cada sociedade.

A medicalização da loucura, a segregação dos indivíduos mentalmente adoecidos e a busca pela cura são, para Foucault, manifestações de um poder disciplinar que visa controlar e normalizar os indivíduos, silenciando a alteridade e a diferença. Para Gabriel Lacerda de Resende e Rosane Azevedo Neves da Silva, ao denunciar os mecanismos de exclusão e opressão que permeiam a história da loucura, Foucault nos convida a repensar nossas próprias concepções sobre a sanidade e a insanidade, a questionar as práticas psiquiátricas e a buscar formas mais justas e humanas de lidar com a experiência da loucura (Resende; Silva, 2016).

A crítica de Foucault ao conceito de medicalização levanta questões sobre as sociedades contemporâneas e a normalização. Como afirma Testa (2012, p. 142):

Assim, a forma como a loucura aparece historicamente remete à estruturação de uma experiência, que pressupõe teoria, práticas, discursos, normas, formas de percepção, etc. Todos estes são, por sua vez, constituídos na história, em cortes epocais, de modo que, por um lado, a história da loucura é o estudo dos dispositivos que a capturam (o que poderíamos referir como história das experiências que, em diferentes situações ou épocas, nossa cultura fez da loucura), mas, por outro, seria a história das relações pelas quais a loucura resiste.

Silveira e Simanke (2009, p. 30) apontam “que se tem é a loucura atrelada a uma ética social que exige que o indivíduo louco seja preliminarmente consciente de seus desatinos, enquanto posicionamento existencial do indivíduo na escolha de uma vida errática”, dessa forma e trazendo como reflexão, seria a loucura um defeito, um desvio?

Como a loucura é progressivamente excluída do campo de reflexão crítica, ela será, aos poucos, excluída da base afirmativa da existência e da realidade do mundo, representando meramente um vazio, uma ausência e um estado de privação. Como observa Testa (2012) Foucault esclarece que dentro dos paradigmas do pensamento clássico e dentro de suas estruturas institucionais, a loucura é apresentada como algo à margem da sociedade. Está, portanto, situada dentro de um domínio de exclusão, tanto do discurso intelectual quanto da percepção da sociedade.

Nas palavras de Federico Testa (2012, p. 15):

O projeto de Foucault, assim, é avaliar a história do - suposto - progresso da razão por aquilo que ela bane, vislumbrando, nesse processo mesmo de exclusão e banimento, algo que fornece as condições e as possibilidades para que essa razão se desdobre na história.

A exclusão social de pacientes psiquiátricos é um fenômeno complexo e profundamente enraizado em estigmas históricos e práticas institucionais que marginalizam indivíduos com transtornos mentais (Roriz *et al.*, 2005).

De acordo com Maria Salete Bessa Jorge e Maria Luciene Moreira Rolim Bezerra, a compreensão da exclusão requer uma abordagem que considere tanto as estruturas de poder que moldam as percepções sobre o adoecimento mental quanto as experiências subjetivas dos indivíduos adoecidos (Jorge; Bezerra, 2004). Essa exclusão se manifesta em diversas dimensões da vida, desde o acesso limitado a serviços de saúde, educação e assistência social até a discriminação no mercado de trabalho e nas relações interpessoais.

Segundo Diego Henrique da Silva Trujillo e colaboradores, Foucault oferece um arcabouço teórico fundamental para compreender como a loucura foi historicamente

construída e como as instituições psiquiátricas desempenharam um papel central na exclusão social dos pacientes. Ele demonstra como, a partir do século XVII, a loucura passou a ser vista como uma ameaça à ordem social e, consequentemente, os indivíduos considerados "loucos" foram confinados em hospitais e asilos, onde eram submetidos a práticas disciplinares e normalizadoras (Trujillo *et al.*, 2021).

Nesse sentido, tais práticas disciplinares e normalizadoras começavam a ser questionadas no cenário brasileiro ao final da década de 70. O país passava por um período de mudanças político e sociais e a reforma psiquiátrica veio acompanhando este processo de redemocratização. Buscava-se questionar os métodos imprimidos pelas instituições psiquiátricas clássicas e seu tratamento com os loucos (Tenório, 2002).

Conforme Mauro Serapioni, o psiquiatra italiano, Franco Basaglia (1924–1980), contribuiu de forma significativa com suas ideias revolucionárias acerca do tratamento psiquiátrico a partir da década de 60, sendo grande inspiração para o movimento acontecer no Brasil. O médico criticava a forma como funcionavam os hospícios como, por exemplo, a intensa vigilância e o uso de choques elétricos e camisas de força. Basaglia propunha a reintegração dos pacientes psiquiátricos à sociedade e a criação de serviços comunitários para o cuidado em saúde mental (Serapioni, 2019).

Sobre a contribuição de Basaglia, a doutora Nise comenta em seu livro *O Mundo das Imagens* (1992, p. 15): “A proposta de Basaglia continua atualmente atraindo a maioria dos espíritos renovadores da área da psiquiatria, embora nos pareça ainda incompleta, por conceder pouca atenção aos fenômenos em desdobramento no espaço interno.”. Havia insatisfação no campo da psiquiatria com os métodos vigentes, embora boa parte ainda corroborasse com as condições impostas pelos hospitais.

Segundo Doutora Nise, o médico e psiquiatra brasileiro Ulisses Pernambuco foi pioneiro em se colocar contrário a medidas violentas e degradantes quando, em 1931, exerceu o cargo de diretor do hospital Tamarineira:

Destruíu calabouços e camisas-de-força, instalou um esboço de praxiterapia e sobretudo criou uma escola para jovens psiquiatras, dando ênfase a pesquisas diversas nessa área. Deu destaque as pesquisas de ordem preventiva e social. Já naquela distante época preocupava-se com os fatores interpessoais e socioculturais dos distúrbios mentais e com a necessidade de levá-los em conta na sua prevenção (Silveira, 1992, p. 15).

Conforme ela própria ressalta, outras pessoas no Brasil como Luiz Cerqueira, Alice Galotti e Carlos Augusto de Araújo Jorge contribuíram no sentido de propôr novos caminhos

para mudar os rumos da psiquiatria brasileira. O apontamento principal era pensar o internado como um sujeito de direitos, que antes lhes eram negados ou restringidos (Silveira, 1992). Magaldi afirma a partir do pensamento de Nise (1992) que parte da classe médica não questionava os métodos:

Assim, em sua leitura, o problema da psiquiatria não é somente o cartesianismo ou sua variação fisicalista, mas que estes sejam associados a métodos que, ao fim e ao cabo, agredem os sujeitos. Nessa relação, que se estabelece na interseção entre o saber médico e as moralidades, identifica-se como algoz uma classe médica que teria adotado sem questionamentos as referidas técnicas de tratamento, valendo-se para tanto de seu consolidado respaldo no campo da psiquiatria (Magaldi, 2018, p. 133).

Como apontam Elizabeth Pereira Esperidião e Maria Alice Ornellas Pereira, a Reforma Psiquiátrica Brasileira representa uma mudança fundamental na abordagem do país aos cuidados de saúde mental, passando de um modelo centrado em manicômios de custódia para um sistema humanístico de base comunitária. Essa transformação foi impulsionada por inúmeros fatores, incluindo a ascensão de movimentos anti-institucionais em todo o mundo, críticas crescentes às condições deploráveis nos hospitais psiquiátricos e os direitos dos indivíduos com transtornos mentais (Esperidião; Pereira, 2000).

De acordo com Fernando Tenório (2002), o movimento reformista brasileiro, como já mencionado anteriormente, ganhou força no final da década de 1970, culminando com a promulgação da Lei nº 10.216 em 2001, que consagrou os princípios da desinstitucionalização, do cuidado comunitário e da proteção dos direitos dos indivíduos em sofrimento mental.

Ao tratarmos da luta antimanicomial no Brasil é imprescindível mencionar o nome da psiquiatra alagoana Nise da Silveira, que vai contribuir de forma expressiva rompendo, de um lado, com “o estabelecido e, de outro, pela identificação profunda com o sofrimento do seu semelhante” (Gullar, 2024, p. 24).

Como afirma Ferreira Gullar:

Quanto mais a sociedade se organizava, racionalizava seu funcionamento e suas relações de trabalho e produção, menos espaço sobrava para os que não se ajustavam a essa organização. O manicômio nasce como produto dessa ordem social: uma instituição onde cabe o louco (Gullar, 2024, p. 27).

Especialmente entre as décadas de 1950 e 1960 houve um movimento de mudanças na direção de uma nova psiquiatria, conforme aponta Felipe Magaldi (2020). Nomes como David

Cooper, Ronald Laing, Félix Guattari, dentre outros estudiosos, desenvolviam novas propostas:

Os participantes dessas experiências criticaram severamente os dispositivos de tratamento e os sistemas de classificação da loucura, acreditando serem produtos de relações de poder. Denunciaram a suposta neutralidade da ciência, que fundamentaria uma falaciosa nosografia da doença mental, assim como os próprios estabelecimentos manicomiais, entendidos como lugares de controle social caracterizados pela violência, exclusão e alienação (Magaldi, 2020, p. 14).

Além disso, vale destacar que concepções eugênicas e do higienismo ganharam força no século XX, como apontado por Magaldi (2016, p. 70):

Pode-se afirmar que a primeira metade do século XX foi caracterizada pela hegemonia das concepções fisicalistas da doença mental, claramente articuladas com os ideários da eugenia e do higienismo que proliferavam em contextos tão distintos quanto a Alemanha nazista e países latino-americanos como Argentina, México e Brasil. A década de 1930 foi particularmente propícia ao advento de técnicas fisicalistas de tratamento que elegiam o cérebro como seu terreno privilegiado de intervenção, tais como a eletroconvulsoterapia e a lobotomia.

Tanto Foucault como a doutora Nise manifestaram críticas às práticas psiquiátricas convencionais de sua época. Nise, por exemplo, defendeu amplamente que os clientes da ala psiquiátrica do hospital Pedro II pudessem circular em ambientes mais livres, mantendo frequente contato com a natureza. Conforme aponta Walter Melo e Ademir Ferreira (2013, p. 564):

Podemos afirmar que ela nunca buscou resgatar os princípios clássicos da instituição psiquiátrica. Ao contrário, rompeu de maneira radical com o modelo disciplinar, com as propostas biologicistas e com as práticas de exclusão social. A teoria e a prática de Nise estão, assim, além de qualquer proposta reformista (Melo; Ferreira, 2013, p. 564).

Para Melo e Ferreira (2013, p. 561), Silveira considerava que o ambiente hospitalar “impede que se criem as condições necessárias para se tentar um tratamento eficaz”. Para ela, o melhor tratamento era aquele pautado na liberdade do indivíduo, em que ele pudesse se expressar livremente sem amarras e aos poucos se reinserir na sociedade. O confinamento geraria sofrimento e despotencialização do sujeito. Pensando no número expressivo de reinternações, Nise “começou a imaginar um espaço que pudesse funcionar como uma ponte entre o hospital e a vida na sociedade” (Melo; Ferreira, 2013, p. 561).

Na Casa das Palmeiras, fundada em 1956 no Rio de Janeiro, a doutora Nise pôde colocar em prática seu desejo de proporcionar um ambiente terapêutico diferenciado aos internos. O espaço pioneiro era voltado à prática das atividades expressivas. Nas palavras de Melo e Ferreira:

Trata-se de uma modalidade assistencial que se contrapõe radicalmente à prática dos hospícios e ao sistema de clausura, proposta que se apresenta na própria escolha do nome, Casa das Palmeiras, demonstrando os efeitos de um significante que marca uma práxis que se contrapõe à loucura como coisa médica (Melo; Ferreira, 2013, p. 562).

Ainda sobre a Casa das Palmeiras, Silveira (1992, p. 21) ressalta que se trata de um espaço onde se realiza um trabalho diferenciado, no qual clientes e monitores convivem por longas horas, construindo vínculos que raramente se estabelecem na relação tradicional entre médico e paciente. Além disso, a instituição não se vincula a convênios, o que lhe garante autonomia e liberdade de atuação:

A Casa das Palmeiras é um pequeno território livre, onde não há pressões geradoras de angústia, nem exigências superiores as possibilidades de resposta de seus frequentadores. A casa nunca procurou *a coleira* de convênios. Optou pela pobreza e pela liberdade (Silveira, 1992, p. 21).

Essa concepção proposta por Silveira (1992) se contrapõe à lógica disciplinar e normativa que historicamente marcou os espaços destinados aos chamados loucos. Segundo Testa (2012), ao analisar o pensamento de Foucault sobre o nascimento do asilo, observa-se que tais instituições operam por meio de um poder vigilante e regulador: o indivíduo louco é, ao mesmo tempo, isolado e observado. O poder asilar sustenta-se, entre outros dispositivos, no saber médico, que transforma a loucura em objeto de conhecimento e controle. Como afirma Testa:

Tal poder produz também as condições concretas de possibilidade de que a loucura e o louco, individualizados, sejam objetivados, isto é, sejam tornados objetos de um olhar neutro, positivo, científico de um saber médico agora aproximado às estruturas institucionais de administração dos desviantes. Novo efeito do poder: uma forma de olhar (Testa, 2012, p. 78-79).

Como exposto por Melo e Ferreira (2013), a doutora Nise, já em 1946, recusava-se a fazer uso do eletrochoque, método amplamente difundido na época para tratar pacientes psiquiátricos. Recusa também o coma insulínico e a lobotomia, métodos violentos e ineficazes, segundo Nise. Se o objetivo era diminuir as internações, esses métodos não funcionavam.

Desta maneira, a doutora Nise se opunha ao saber médico vigente à época, iniciando a luta por tratamentos mais humanos e acolhedores.

No que concerne ao campo da saúde mental e a “metodologia” de Nise da Silveira, faz-se necessário trazer de forma breve a trajetória no Hospital Pedro II, no Rio de Janeiro, e as mudanças implementadas pela psiquiatra como a rejeição por tratamentos agressivos, conforme mencionado acima, o olhar voltado para um tratamento mais humanizado e sua aproximação com Jung.

Conforme Silveira (2015), ao chegar no Hospital Pedro II constatou-se que os internados eram comumente requeridos para realizar pequenas tarefas ou “tarefas simples” como varrer o hospital e limpar os banheiros. As tarefas eram repetitivas e mecânicas, não abrindo possibilidade para novas descobertas e nem para o exercício da criatividade. O indivíduo internado era útil à medida em que contribuía para a organização e funcionamento do hospital.

A atuação de doutora Nise no Hospital Pedro II, localizado no Engenho de Dentro, inicia-se em meados dos anos 40, período em que a psiquiatria brasileira ainda era dominada por práticas intervencionistas. Neste local, Silveira coloca em prática seu desejo por mudanças a partir de 1946, ano em que começa a ocupar como coordenadora o espaço que viria a se tornar a Seção de Terapêutica Ocupacional e reabilitação. Neste ambiente, Nise buscou se afastar das antigas práticas manicomiais violentas, transformando este espaço em ateliês voltados para atividades expressivas como: pintura e modelagem em barro (Melo, 2009).

Conforme apontado por Silveira (1992, p. 16) inicialmente um dos objetivos do espaço da STOR era que se tornasse um campo de pesquisa, o que enfrenta momentos desafiantes devido à problemática envolvendo a precariedade dos hospitais, além da massiva dominância do uso dos métodos como eletrochoque e coma insulínico. Posteriormente, com a terapêutica ocupacional “devidamente orientada” foram percebidas as mudanças:

Os resultados foram rápidos e evidentes. As atividades logo infundiram vida aos locais onde eram exercidas, modificando o ambiente. As mudanças que a terapêutica ocupacional pode introduzir nos hospitais atingem o ponto mais alto quando o método ativo penetra nos pátios, opróbrio dos hospitais psiquiátricos (Silveira, 1992, p. 16).

A história de Nise da Silveira se entrelaça com importantes instituições como o Hospital Pedro II, o Museu de Imagens do Inconsciente e a Casa das Palmeiras, espaços onde ela implementou suas ideias revolucionárias e proporcionou um ambiente de cuidado e expressão para pessoas em sofrimento psíquico. A sua abordagem inovadora, centrada nas

atividades expressivas e na relação terapêutica, ofereceu uma nova perspectiva sobre a experiência do tratamento em saúde mental, abrindo caminhos para a reintegração social e a valorização da subjetividade dos pacientes (Castro; Lima, 2007).

As atividades no ateliê cresciam de forma acelerada e os clientes produziam cada dia mais, ainda que essa não fosse uma meta de trabalho, pelo contrário, as atividades no ateliê eram produzidas de forma espontânea sem objetivo mercadológico ou monetário:

A produção do atelier era muito grande, aumentando cada dia. O agrupamento em séries das pinturas levantava interrogações no campo da psicopatologia. Começou-se a falar em museu, como um órgão que reunisse todo esse volumoso material de importância científica e artística. E assim, foi inaugurado no dia 20 de maio de 1952 o Museu de Imagens do Inconsciente, cujas raízes estavam nos ateliers de pintura e de modelagem de uma modesta seção de Terapêutica Ocupacional. Atualmente este museu é um centro vivo de estudo e pesquisa (Silveira, 2015, p. 19).

De acordo com Magaldi (2020), Nise buscava se opor ao fisicalismo predominante no saber médico:

O projeto médico-científico de Nise se caracteriza por uma predileção pelas tradições de pensamento ocidentais que impõem uma alternativa ao cartesianismo e seus desdobramentos materialistas na biomedicina e na psiquiatria. Entre essas, vale destacar a filosofia de Spinoza, a psicologia analítica de Jung e os escritos de Artaud. Tal predileção, ao mesmo tempo que serve de catalisadora das ideias de Nise em produções culturais, contribui para manter seu baixo prestígio no âmbito médico-psicológico, impondo desafios de resistência a seus continuadores (Magaldi, 2020, p. 32).

Sobre as atividades expressivas realizadas pelos internos no ateliê, a doutora afirma: “Procuramos levar o indivíduo a compreender a utilidade que terá pra ele, mesmo depois da alta, a prática das atividades expressivas, com as quais se familiarizou durante o tratamento ocupacional” (Silveira, 1992, p. 19). Sendo assim, tais atividades demonstraram não somente como medidas preventivas contra crises, como também práticas que movimentavam a vida e manhãs dos indivíduos ali internados.

Um dos seus objetivos era reduzir o número de reinternações e favorecer o retorno dos internos ao convívio familiar e à vida profissional, ainda que alguns casos mais graves demandassem um período de cuidado mais prolongado (Silveira, 1992).

Segue abaixo uma imagem explicativa sobre as atividades expressivas. Nessa imagem fotografada por mim no Museu de Imagens do Inconsciente registra a seção do STOR com as atividades realizadas naquele local. São elas: salão de beleza, oficina de costura, sapataria, esporte, teatro e festa junina.

Figura 1 – Atividades expressivas



Fonte: Foto tirada por mim do acervo do Museu de Imagens do Inconsciente. Data: 21 de outubro de 2025 com autorização da direção.

Segundo doutora Nise (2015) seu método da terapêutica ocupacional era visto como “subalterno”, destinado apenas a “distrair” ou “contribuir para a economia hospitalar”. Em trecho de sua obra, a autora afirma: “O louco é inadaptado à ordem social vigente. E a psiquiatria é acusada de defender a ordem burguesa contra homens que têm uma diferente

visão do mundo” (Silveira, 2015, p. 112). Silveira (2015) defendia como possível entender o que os clientes tentavam dizer através das atividades expressivas e do tratamento humanizado, mas que não conseguiam através de palavras.

Conforme Melo e Ferreira (2013, p. 560):

Com a finalidade de criar as condições necessárias para estabelecer o modelo clínico pautado no afeto, na livre expressão e na liberdade, Nise estabeleceu dois momentos de ruptura: a) ao recusar a utilização de métodos agressivos (Silveira, 1992); b) ao criar a Casa das Palmeiras (Silveira, 1986).

De acordo com Ferreira Gullar (2024, p. 49), “a Seção de Terapêutica Ocupacional foi estimulada com a criação do museu e o interesse despertado por suas atividades”. Nesses espaços eram feitos estudos sobre o campo da psiquiatria clínica, aprendizagem do esquizofrênico, a relação entre os internos e os animais, além de outras pesquisas. Dentre algumas atividades, havia o trabalho no ateliê:

E no ateliê de pintura realiza-se, a partir das imagens espontâneas pintadas ou modeladas, o acompanhamento da evolução dos casos clínicos, além de estudos referentes a temas de interesse psiquiátrico. Nise da Silveira desenvolvia, então, trabalhos de pesquisa sobre lobotomia e atividade criadora (confronto de trabalhos plásticos antes e depois da intervenção cirúrgica); desestruturação do espaço na esquizofrenia; efeitos da música sobre a pintura (música popular e erudita), estudos de imagens arquetípicas (Gullar, 2024, p. 49).

A nova abordagem trazida por Silveira foi fruto de uma construção baseada em décadas de pesquisas e atendimentos. A influência da obra do psiquiatra suíço Carl Gustav Jung contribuiu significativamente no caminho trilhado por ela. Segundo Melo (2001, p. 33), “Nise costumava comparar as teorias psicológicas a instrumentos de trabalho, como ferramentas, e a que melhor se adequou à sua mão e ao seu campo de estudo foi a psicologia de Jung”.

De acordo com Magaldi (2016), a leitura das imagens propiciou o acesso ao mundo interno dos pacientes psicóticos devido à dificuldade de comunicação destes:

Deve-se destacar ainda que a psiquiatra alagoana lidava com pacientes cuja comunicação verbal era extremamente comprometida. Ademais, a médica não via no modelo assistencial de sua época nenhuma tentativa substantiva de buscar uma compreensão das vivências subjetivas das psicoses. O uso das imagens constituiu, nesse sentido, um recurso privilegiado de acesso ao que chamava de “mundo interno” de seus pacientes (Magaldi, 2016, p. 75).

Ao tratarmos da obra de Nise da Silveira, é importante retornarmos ao trabalho de Jung. O psiquiatra teve papel fundamental na vida da autora, foi um encontro que colaborou em seu entendimento acerca das imagens produzidas pelos clientes. Nise interpretava as imagens dos clientes através da abordagem junguiana, imagens estas que deram origem ao Museu de Imagens do Inconsciente, em maio de 1952 (Catta-Preta, 2021).

Conforme apontado por Ana Silvia Marcatto Begalli e Carlos Roberto da Silveira, fundado em 1952, o Museu de Imagens do Inconsciente antecedeu à criação da Casa das Palmeiras, inaugurada em 1956. Sua metodologia pioneira baseava-se na ideia de que a expressão artística é uma ferramenta terapêutica eficaz e um poderoso meio de comunicação para pessoas em sofrimento psíquico. Essa visão inovadora foi a base para a criação do museu no Rio de Janeiro, consolidando uma abordagem singular no cuidado em saúde mental (Begalli; Da Silveira, 2020).

Influenciada pelas concepções junguianas sobre o inconsciente e a função simbólica das imagens, Nise integrou a arte como ferramenta terapêutica no tratamento dos clientes em sofrimento psíquico. O Museu de Imagens do Inconsciente materializa essa perspectiva ao reunir e preservar as telas e obras dos internos, concebidas não apenas como expressões individuais, mas como manifestações arquetípicas. Além disso, o espaço propicia o desenvolvimento de pesquisas e fomento na área de saúde mental (Catta-Preta, 2021).

Em 1992, Nise concedeu uma entrevista e falou sobre Jung. Nas palavras da própria Nise: “Foi através dele que comecei a fazer psiquiatria, que eu considero científica. Antes eram preliminares grosseiros” (Silveira, 1992).

Nise entendia que as imagens do inconsciente possibilitam que se entre em contato com pessoas que desestruturaram a psique consciente e perderam, mesmo que de maneira momentânea, a capacidade de se comunicar através de proposições verbais coerentes (Melo, 2001, p. 42).

Em 1968, Nise escreve o livro *Jung: Vida e Obra*, onde busca, de alguma maneira, refletir sobre o trabalho do psiquiatra e orientar àqueles que se encontravam “perdidos” em meio às suas ideias:

Jung reconhecia os aspectos de natureza pessoal presentes no inconsciente, mas acreditava que o inconsciente trazia consigo um estrato mais profundo da psique, comum a toda a humanidade. Distingua, portanto, duas esferas na psique inconsciente: um inconsciente pessoal relacionado à história pessoal de cada indivíduo, e um inconsciente coletivo, que compõe um elo e um vínculo ente o indivíduo e a humanidade (Castro; Lima, 2007, p. 370).

Dessa forma, compreender a obra de Nise da Silveira exige reconhecer o entrelaçamento entre sua prática clínica, sua postura ética e os referenciais teóricos que a sustentaram. Jung certamente teve um papel de grande relevância na construção metodológica de Nise, juntamente com outros autores que influenciaram sua trajetória pessoal e profissional como: Antonin Artaud, Gaston Bachelard, Paul Eugen Bleurer e Spinoza (Melo, 2001). Essas influências permitiram que ela desenvolvesse um método singular, ao mesmo tempo clínico e humanista, que se afasta do paradigma biomédico e se inscreve em uma perspectiva inovadora de cuidado.

Em síntese, este capítulo buscou apresentar de forma breve a história da loucura a partir das concepções teóricas e conceituais do filósofo Michel Foucault apresentando as interseções entre este e o trabalho da psiquiatra Nise da Silveira. É possível perceber que tanto Foucault como Nise questionaram antigas práticas asilares. Enquanto Foucault analisa a genealogia da loucura revelando como os manicômios se tornaram lugares de controle social a partir de relações de poder que silenciavam os sujeitos colocando-os como desviantes, Nise busca mudanças em sua prática clínica baseando-se na liberdade e cuidado do indivíduo em sofrimento psíquico e ainda colocando-se contrária aos métodos agressivos de tratamento.

No capítulo seguinte, serão apresentadas reflexões éticas acerca da prática profissional de Nise da Silveira, tomando como referência principal a ética do cuidado proposta por Carol Gilligan (2021). Essa abordagem permitirá compreender de que maneira o trabalho desenvolvido por Nise pode ser interpretado à luz de uma perspectiva ética centrada na empatia, na responsabilidade relacional e na valorização do outro como sujeito de cuidado.

4 REFLEXÕES ÉTICAS EM NISE DA SILVEIRA

Para iniciar este capítulo, apresentamos o conceito de ética das virtudes, o qual se revela fundamental para a compreensão do enfoque teórico adotado. Como explica José Elielton de Sousa em sua tese de doutorado (2016), a ética das virtudes constitui uma perspectiva filosófica que coloca a noção de virtude no centro da reflexão ética:

A ética das virtudes é uma abordagem filosófica que entende a noção de virtude como fundamental para o empreendimento ético. Para essa perspectiva, o valor de uma ação moral diz respeito à vontade do sujeito, quando esta é reta e esclarecida e ele está suficientemente informado sobre a natureza de seus desejos e sobre os seus objetos (Sousa, 2016, p. 7).

Novos modos de pensar a ética das virtudes surgiram ao longo dos anos trazendo novas formas de pensar à filosofia contemporânea. A ética das virtudes da filósofa Christine Swanton apresenta uma compreensão pluralista das virtudes (Swanton, 2003).

Segundo Christine Swanton:

Para a ética dos relacionamentos, a base fundamental do reconhecimento moral das coisas são os laços de relacionamento entre elas, e esses laços fundamentam principalmente o modo de resposta do amor ou, pelo menos, da receptividade. Várias formas de amor ou receptividade variam do cuidado e do amor ágape às várias formas de amor parcial: o amor parental, o afeto da amizade, o amor/cuidado/preocupação de um terapeuta, professor, médico ou enfermeiro. Em minha opinião, há alguma verdade em todas essas visões éticas, e essa verdade precisa ser preservada em uma ética da virtude pluralista³ (Swanton, 2003, p. 2).

Nesta direção, a perspectiva trazida por Christine Swanton oferece uma ponte de apoio para compreendermos diferentes modos do cuidado e respostas afetivas. Assim, busca-se identificar pontos de convergência entre a ética do cuidado apoiada principalmente pela obra da psicóloga Carol Gilligan (2021) que possam enriquecer a discussão ética entrelaçada à obra de Nise.

³ “For relationship ethics, the fundamental basis of moral acknowledgement of things is the bonds of relationship between them, and those bonds ground primarily the mode of responsiveness of love or at least receptivity. Various forms of love or receptivity range from care and agape to the various forms of partialistic love: parental love, the affection of friendship, the love/caring/concern of therapist, teacher, doctor, or nurse. On my view there is some truth in all these ethical views, and this truth needs to be preserved in a pluralistic virtue ethics.” (SWANTON, Christine. **Virtue ethics: a pluralistic view**. New York: Oxford University Press Inc., 2003, p. 2).

A ética do cuidado, particularmente, ganhou destaque por meio de construções feministas que desafiaram a universalização de perspectivas masculinas na teoria moral, sublinhando a voz diferenciada das mulheres na abordagem de dilemas éticos (Gilligan, 2021).

José Elielton de Sousa entende que Alasdair MacIntyre reforça essa convergência ao afirmar que as virtudes se desenvolvem no contexto das práticas humanas, onde o indivíduo busca realizar os “bens internos” de cada atividade, compreendidos como finalidades éticas que só se alcançam mediante o engajamento relacional e comunitário. Nessa perspectiva, o agir moral não decorre da simples aplicação de princípios racionais, mas de um modo de ser que se constrói na convivência e na prática cotidiana do cuidado e da excelência moral (Sousa, 2009).

Ao abordar a ética no trabalho de Nise da Silveira, abrem-se diferentes possibilidades de reflexão e diálogo. Entre as várias correntes possíveis, esta pesquisa destaca a ética do cuidado por sua proximidade com a prática clínica humanizada desenvolvida pela psiquiatra. A ética do cuidado, ou do “cuidar”, é compreendida como um agir ético sustentado em cinco ideias centrais: atenção moral, compreensão com simpatia, consciência das relações, acomodação e resposta (Rego *et al.*, 2009, p. 55). Nesse sentido, como ressaltam Rego, Palácios e Siqueira-Batista (2009), o cuidado implica uma relação empática, situada em contextos específicos, em que os agentes se reconhecem mutuamente como sujeitos de valor.

Os estudos sobre a ética do cuidado iniciam-se a partir de investigações da psicologia para relatar o desenvolvimento moral dos indivíduos. De acordo com Da Silva (2021), Jean Piaget e Lawrence Kohlberg foram os primeiros estudiosos nessa área e pretendiam descrever os processos e etapas do desenvolvimento moral. Carol Gilligan (2021), filósofa e psicóloga americana, traz em sua obra reflexões acerca da ética do cuidado em contraponto à ética da justiça, representada por John Rawls e Kohlberg, dentre outros estudiosos, este último inclusive foi professor de Gilligan. Como aponta Letícia Machado Spinelli (2023) a autora dialoga sobre a exclusão das mulheres nos processos decisórios, em alguns momentos de forma velada. Vale ressaltar que em sua obra principal, ela avalia as decisões de homens e mulheres baseados nos dilemas morais.

Conforme apontado por Kellen Araújo e Raquel Ramiro Xavier (2022), proposta da ética do cuidado, desenvolvida por Carol Gilligan (2021), guarda proximidade com a prática de Nise da Silveira ao enfatizar relações pautadas no cuidado, na empatia e na atenção à singularidade dos indivíduos. Em *Uma voz diferente: teoria psicológica e o desenvolvimento feminino*, Gilligan (2021) apresenta uma crítica ao modelo de desenvolvimento moral formulado por Lawrence Kohlberg, segundo o qual apenas os homens alcançariam o nível

mais elevado de moralidade. Esse estágio superior, definido por Kohlberg, estaria associado à capacidade de seguir princípios universais e abstratos diante de dilemas éticos, perspectiva que, para Gilligan, negligenciava formas relacionais e contextuais de agir moralmente, mais frequentemente observadas em trajetórias femininas. Todavia, Carol Gilligan reflete em sua obra sobre a voz das mulheres diante dos dilemas colocados por Kohlberg.

Em seu livro, *Uma voz diferente*, Gilligan (2021) aborda o lugar da mulher como sendo aquele do cuidado interpessoal, num mundo compreendido por relacionamentos, enquanto os homens estariam mais preocupados em seguir as regras, normas e os direitos individuais. O livro aborda três estudos referenciados na pesquisa de Gilligan, “que a forma como as pessoas falam sobre suas vidas é importante, que a linguagem que elas usam e as conexões que fazem podem revelar o mundo que elas veem e no qual elas agem” (Gilligan, 2021, p. 45).

Os estudos abordam a questão da moralidade, do conflito e das escolhas. Alguns estudiosos foram utilizados pela autora para embasar seu pensamento como Jean Piaget, Nancy Chodorow e Freud, mas seu trabalho foca principalmente nos estágios e sequências do desenvolvimento moral de Kohlberg. As vozes morais colocadas por Gilligan (2021) em seu trabalho demonstram duas formas de pensar/agir diferentes entre homens e mulheres. O comportamento dos homens, como mencionado acima, seria a “norma”, e o das mulheres seria o “diferente”.

Gilligan (2021, p. 61) observa que a dificuldade em empregar o termo “diferente” sem que este seja associado a “melhor” ou “pior” revela uma tendência recorrente de construir escalas de medida baseadas em padrões masculinos. Tais escalas derivam, em grande parte, de pesquisas realizadas predominantemente ou exclusivamente com homens, o que leva à padronização do comportamento masculino como referência normativa. Nesse contexto, o comportamento feminino acaba sendo interpretado como um desvio em relação a essa norma, reforçando uma perspectiva assimétrica e excludente na compreensão do desenvolvimento moral.

A partir dessa passagem do texto e levando à conclusão da própria Gilligan (2021), as vozes das mulheres seriam aquelas diferentes, por não se comportarem de acordo com o padrão de expectativa psicológica, resultando no entendimento de que há algo errado com elas. As críticas de Gilligan (2021) ao trabalho de Kohlberg se baseiam nos resultados que o próprio obteve em suas pesquisas empíricas. De acordo com Juliana Missagia (2020), nas pesquisas feitas por Kohlberg, as mulheres encontravam-se em estágios de desenvolvimento moral considerados mais “atrasados”, enquanto os homens ocupariam o lugar “correto” dos

estágios. As mulheres estariam mais preocupadas com os relacionamentos e as conexões interpessoais.

Pensando a obra de Gilligan (2021) e trazendo ao debate o viés feminista, podemos pensar que as mulheres foram silenciadas ao longo dos séculos pela sociedade sexista em que viviam para “servirem” aos homens como suas “cuidadoras oficiais”? O pensamento feminino não se tornou mais “preocupado” com as relações entre os indivíduos ao acaso, as mulheres foram sendo colocadas neste lugar. A deferência feminina está enraizada não apenas em sua subordinação social, mas também na “substância de sua preocupação moral”. A sensibilidade para as necessidades dos outros e a suposição de responsabilidade por tomar cuidado conduz as mulheres a atender às vozes dos outros em vez de sua própria, e de incluir em seu julgamento outros pontos de vista (Gilligan, 2021, p. 65).

Entretanto, o trabalho de Gilligan em *“Uma voz diferente”* (2021) sofreu algumas críticas no que diz respeito à problemática feminista. Alguns enxergaram o trabalho como algo que trazia uma “nova teoria moral”, enquanto outros o julgaram até antifeminista (Silva; Souza, 2023).

Segundo Matheus Estevão Ferreira da Silva e Leonardo Lemos de Silva de Souza (2023), o trabalho de Gilligan impactou diversos campos multidisciplinares, entre eles os Estudos Feministas. Embora suas ideias sejam amplamente referenciadas, no âmbito da Psicologia do Desenvolvimento Moral suas teorias são mais “descartadas” do que “reconhecidas”. No campo feminista, por sua vez, as contribuições de Gilligan suscitaram tanto apoio quanto resistência; contudo, mesmo as críticas se orientaram no sentido de promover uma “revisão e aprofundamento” de suas propostas. Essa recepção ambígua demonstra a potência de seu trabalho e abre espaço para novas leituras em diferentes contextos.

Nesse sentido, ao pensarmos a obra de Nise da Silveira à luz da ética do cuidado, torna-se possível estabelecer aproximações conceituais entre ambas. Como observa Spinelli (2023), a ética proposta por Gilligan pode ser entendida como uma “ética da resistência à injustiça”, voltada à denúncia das assimetrias impostas pelo patriarcado, ainda que muitas vezes sem se vincular diretamente a uma militância feminista explícita. De modo semelhante, Nise construiu uma prática clínica marcada pela recusa da violência institucional e pela valorização da subjetividade de indivíduos historicamente silenciados, o que permite compreender sua atuação como expressão de uma ética relacional e de resistência.

Para Aquino e Cristino (2023), a proposta de Nise da Silveira, ao se apoiar no conceito junguiano de inconsciente coletivo, este entendido como um complexo de símbolos e imagens

universais partilhados pela humanidade, pode ser vista como uma forma de resistência aos tratamentos psiquiátricos agressivos. Em sua obra, a noção de “resistência” aparece intrinsecamente vinculada ao cuidado e à valorização da subjetividade de seus pacientes, sobretudo ao reconhecer que trabalhos revelavam conteúdos significativos desse inconsciente coletivo. Nesse sentido, o uso das atividades expressivas se tornava um meio de expressão legítimo e humanizador, contrapondo-se à violência manicomial. No entanto, reduzir a reflexão ética em Nise apenas à ética do cuidado seria insuficiente, uma vez que sua contribuição extrapola essa perspectiva, envolvendo múltiplas dimensões críticas, simbólicas e humanizadoras.

Em sua prática clínica com pacientes em sofrimento psíquico, Nise observou que muitos dos conteúdos expressos por meio da produção artística apresentavam símbolos e imagens que não se originavam simplesmente de experiências pessoais, mas que remetiam a estruturas arquetípicas universais. Carlos Augusto Serbena (2010) ressalta que esses elementos, Jung entende que pertencem ao inconsciente coletivo, uma camada profunda da psique compartilhada por toda a humanidade, onde residem os arquétipos: formas simbólicas como a Grande Mãe, o Herói, o Velho Sábio, entre outros. Para Serbena (2010), Nise identificou essas estruturas simbólicas nas obras espontâneas dos pacientes, mesmo na ausência de qualquer contato prévio com temas mitológicos, religiosos ou filosóficos.

Nesse sentido, Silveira (1992, p. 27) afirma: “Em muitos casos, surpreendentes imagens simbólicas afloram espontaneamente em obras plásticas de doentes mentais. Essas imagens pertencem ao patrimônio da humanidade. São formas arquetípicas que emergem do inconsciente coletivo”. Além disso, Nise utilizava as atividades expressivas como forma de imaginação ativa, permitindo que o inconsciente se expressasse de modo direto e não verbal, contribuindo significativamente para o processo de individuação, jornada de autoconhecimento e integração psíquica do sujeito.

A aproximação entre a doutora Nise e a psicologia analítica de Carl Jung é evidenciada por diversos aspectos de sua trajetória intelectual e prática clínica. Ferreira Gullar (2024) destaca essa afinidade ao ressaltar que:

O gesto espontâneo à expressão intuitiva do ser primordial e pré-reflexivo precisa se combinar com o trabalho da forma, da técnica e do domínio dos materiais. Essa é a tônica de sua correspondência com Jung, de sua participação no Instituto de Psicologia Analítica, junto com Marie-Louise von Franz e de seus trabalhos junto à Sociedade Internacional de Expressão Psicopatológica (Gullar, 2024, p. 154).

Essa interlocução com a psicologia analítica contribuiu para que Nise estruturasse uma prática clínica orientada por fundamentos éticos e humanizadores. No campo da saúde mental, tal perspectiva se traduz na valorização da subjetividade e da autonomia dos pacientes (Silva; Freitas, 2010). Sua história é, portanto, marcada pela defesa de uma assistência em saúde mental que privilegia a expressão artística, a afetividade e a singularidade de cada indivíduo, em contraposição à violência e à objetificação típicas dos tratamentos tradicionais (Argiles *et al.*, 2013).

Diante da crescente demanda por sistemas de saúde que priorizem a qualidade na atenção primária, há um movimento em direção a novas abordagens de cuidado (Gomes *et al.*, 2013). A humanização do cuidado, nesse contexto, implica em reconhecer o indivíduo em sua totalidade, considerando seus aspectos biopsicossociais (Dias *et al.*, 2022).

Dessa forma, o trabalho de Nise traz a resistência como pilar importante, mas quando falamos sobre feminismo atrelado à ética do cuidado em Nise, não é possível verificar explicitamente um viés feminista. Ainda que ela seja uma mulher que lutou para que o cuidado com os pacientes fosse mais humanizado, isto estaria mais relacionado com sua preocupação como ser humano e profissional da saúde do que com uma “luta feminista”.

Apesar disso, é possível destacar que Nise ocupava um lugar no campo da medicina antes relegado majoritariamente aos homens e se empenhou em combater as antigas práticas manicomiais. Lidiane Bernardo Gomes e Francisco Francinete Leite Junior (2022) afirmam que:

Tal fato evidencia a perspicácia de uma mulher nordestina disposta a enfrentar uma profissão predominantemente ocupada por homens. Além disso, ela estabelecia com muita notoriedade uma nova maneira de olhar o doente mental, pois considerava que se por um lado eles adormeciam sua capacidade lógica, racional; por outro mantinham viva a afetividade (Gomes; Leite Junior, 2022, p. 1515).

Sousa (2009) apresenta uma relação possível entre ética do cuidado e a ética das virtudes trazendo o afeto como ponto importante a partir da proposta do filósofo Michael Slote (2000). Afirmar que:

É a situação pessoal dos agentes, seus projetos e desejos particulares, que origina os vínculos e finalidades morais genuínas. Tal perspectiva moral vincula-se a ética das virtudes na medida em que se apóia na idéia de viver virtuosamente, pois exige do agente não somente boas razões para agir, mas que estas razões sejam coerentes com sua própria constituição interna (Sousa, 2009, p. 110).

Como apontado por Sousa (2009, p. 110), a ética das virtudes de Slote se diferencia das demais por focar “o cuidado com o outro como uma preocupação moralmente respeitável”, propondo uma ética do cuidado centrada no agente que não se preocupa apenas com indivíduos no qual possua um relacionamento próximo, mas qualquer indivíduo dentro de um esquema moral. Sousa (2009, p. 110) afirma: “Seguindo uma perspectiva diferente da maioria dos teóricos da ética das virtudes, Slote propõe uma versão desta abordagem ética que focaliza as virtudes nos motivos de cuidado afetivo”.

O afeto, central no trabalho de Nise da Silveira, pode ser interpretado como uma expressão ética que ultrapassa a dimensão técnica da psiquiatria e se aproxima da tradição da ética das virtudes.

O trabalho de Silveira traz a abordagem do afeto como pilar essencial no cuidado do sujeito em sofrimento psíquico rejeitando esta abordagem como lugar de “paparicos e mimos”:

Isso não quer dizer, de forma alguma, que a proposta é de *mimos e paparicos*, mas, sim, da compreensão dos modos como o ambiente e as relações nos afetam subjetivamente. O intenso sofrimento é compensado por ambiente acolhedor e por relações afetivas que ativam, de maneira criativa, conteúdos psíquicos opostos que, tensionados, conferem sentido às vivências dos cidadãos em sofrimento psíquico. O sofrimento adquire, portanto, significado e pode ser superado a partir da afetividade (Oliveira *et al.*, 2017, p. 27).

Logo, o afeto cultivado por Nise em sua relação com os clientes manifesta virtudes que estruturam sua postura clínica, como a sensibilidade e a justiça (Gomes; Leite Junior, 2022). Ao valorizar a afetividade como dimensão preservada mesmo em meio ao sofrimento psíquico, Nise reafirma que o cuidado ético não se resume a técnicas, mas exige a formação de caráter e a prática constante de virtudes (Melo, 2007).

A partir dessa aproximação, tornou-se possível compreender a prática de Nise da Silveira como expressão de uma ética humanizadora, que une sensibilidade e excelência moral. Sua atuação clínica demonstra que o cuidado pode ser entendido como virtude, e a virtude, por sua vez, como forma de cuidado. Assim, Nise propõe uma ética da resistência e da afetividade, na qual o compromisso com o outro constitui o núcleo de toda sua ação ética.

Logo, se por um lado, sua prática clínica evidencia uma postura relacional centrada na empatia, na atenção moral e na valorização da singularidade dos clientes, como propõe a ética do cuidado, por outro, também se manifesta como exercício constante de virtudes.

O próximo capítulo dedica-se a aprofundar o conceito de “emoção de lidar”, central em sua obra. Busca-se compreender as bases metodológicas e epistemológicas que sustentam essa

noção, bem como os modos pelos quais Nise a incorporou em seu método de trabalho voltado à leitura das imagens e à valorização da sensibilidade como via de acesso ao mundo interno do indivíduo em sofrimento psíquico.

5 EMOÇÃO DE LIDAR: CAMINHOS PARA UMA PSIQUIATRIA HUMANIZADA

Com o objetivo de aprofundar a compreensão do conceito de *Emoção de Lidar*, este capítulo inicia-se com um trecho da obra de Nise da Silveira (*Gatos: a Emoção de Lidar*, 1998, p. 30). Nesse livro, a psiquiatra expressa, por meio de contos e poemas, seu profundo apreço pelos felinos, ao mesmo tempo em que compartilha experiências vividas em sua convivência com esses animais. O vínculo afetivo que Nise estabelecia com os gatos revela não apenas sua sensibilidade, mas também aspectos essenciais de sua compreensão sobre o ato de lidar e de se relacionar com o mundo, além do simbolismo desses animais. Vejamos a seguir:

Foi quando certo dia um rapaz frequentador da Terapia Ocupacional, em vez de entrar numa das salas de trabalho masculino preferiu entrar na sala de atividades feminina atraído pelas qualidades latentes que pressentia existirem num pedaço de veludo estendido sobre a mesa da sala. Dirigiu-se à monitora Maria Abdo e perguntou: “Posso com este pano fazer um gato?”. A resposta foi sim. Então Luis Carlos começou a manipular o pedaço de veludo, dando-lhe a forma de um gato. A monitora ficou surpreendida, mas não interveio, salvo na colocação dos olhos do gato, a pedido de Luis Carlos. Completado assim o gato, Luis Carlos tomou um lápis e escreveu:

Gato simplesmente angorá

Do mato,

Azul olhos nariz cinza

Gato marrom

Orelha castanho macho

Agora rapidez

Emoção de lidar

Enquanto manipulava seu gato de veludo, com surpreendente habilidade, Luis Carlos parecia feliz e disse: “Como é macio! Sinto grande emoção de lidar com ele entre minhas mãos”. Essa expressão *Emoção de lidar* foi ponto de partida para substituímos o pesado título *Terapêutica Ocupacional* (Silveira, 1998, p. 30).

Esse episódio ilustra de maneira sensível o momento em que Nise reconhece a potência simbólica e afetiva contida nas atividades expressivas. A partir da experiência espontânea de Luis Carlos, ela compreende que o ato de criar e manipular materiais não se restringe a um exercício técnico ou terapêutico, mas envolve um contato profundo com o sentir uma vivência emocional que dá sentido à ação.

Assim, o conceito de *Emoção de Lidar* surge como uma forma de valorizar o vínculo entre sujeito, matéria e expressão, deslocando o foco da simples execução da tarefa para a experiência subjetiva que dela emerge. Nesse contexto, Nise dedica atenção especial às

produções expressivas de seus clientes, observando cuidadosamente as cores, formas e composições presentes em seus desenhos e pinturas.

Para a psiquiatra, tais manifestações artísticas revelavam conteúdos e pensamentos que muitas vezes não podiam ser expressos verbalmente, mas encontravam nas atividades expressivas uma via de comunicação legítima. Por meio da pintura, do barro e de outras técnicas, os clientes tornavam visível suas vozes interiores, e Nise, ao reconhecer esse processo, instituiu uma prática clínica fundamentada no respeito à subjetividade e na valorização da expressão simbólica como forma de cuidado ético.

Além do cuidado diferenciado dispensado aos clientes frequentadores do ateliê, a doutora também observava que o tempo e espaço quando se estuda a esquizofrenia demonstram alterações importantes a serem consideradas no processo psíquico. Silveira (1992, p. 43) afirma:

Será impossível o entendimento entre duas pessoas se cada uma delas estiver vivendo em espaço e tempo diferentes. O relacionamento psiquiatra-doente, tão importante terapeuticamente, ficará sem dúvida prejudicado se essa condição não for levada em consideração.

Doutora Nise (1992) propõe especial atenção à questão do tempo e espaço em seus estudos sobre indivíduo psiquicamente adoecido. A abordagem tradicionalmente usada em hospitais e consultórios psiquiátricos baseia-se na orientação newtoniana-cartesiana, limitando-se a entender o funcionamento no mundo externo com perguntas como: Que horas são? Onde você está? Que dia é hoje? Sobre isso, Silveira (1992, p. 43) ressalta: “Infelizmente, os registros clínicos dos hospitais psiquiátricos persistem no mesmo velho estilo, sem qualquer tentativa de penetração no espaço e tempo interiores.”

Como aponta Nise da Silveira (1992, p. 44), “outro chavão arraigado na visão psiquiátrica atual é o do embotamento afetivo na esquizofrenia, o que não surpreende, pois, a afetividade modifica as vivências de espaço e tempo do doente”. Essa perspectiva, no entanto, é problematizada pela própria experiência conduzida por Nise, que demonstra, por meio das atividades expressivas, que o afeto não se encontra ausente, mas reprimido por contextos institucionais rígidos e desumanizados.

Diferentemente do setor de encadernação do hospital que promovia um trabalho repetitivo e desvinculado de sentido, o trabalho no ateliê foi construído pensando na reinserção do indivíduo ali internado à sociedade. O ambiente propício ao tratamento pautava-se na liberdade (Melo; Ferreira, 2013).

As atividades desenvolvidas eram imbuídas de sentido. No caso dos clientes do ateliê, era importante observar o que cada um demonstrava:

Mas eu não examinava as pinturas dos doentes que frequentavam nosso atelier sentada no meu gabinete. Eu os via pintar. Via suas faces crispadas, via o ímpeto que movia suas mãos. A impressão que eu tinha era estarem eles vivenciando “estados dos ser inumeráveis e cada vez mais perigosos”. (A. ARTAUD) Não me era possível aceitar a opinião estabelecida: pintura não figurativa significaria embotamento da afetividade, tendência à dissolução do real (Silveira, 2015, p. 19).

Mas o que diferenciava o interno que estava no ateliê pintando de um artista profissional? No caso dos clientes do ateliê, a pintura era usada como ferramenta terapêutica, pensada para auxiliar no tratamento dos indivíduos ali internados. Ao pintar, por exemplo, a pessoa vivencia a liberdade de criação, “sem tema predeterminado ou objetos a serem copiados” (Melo, 2001, p. 94).

Conforme Melo (2001, p. 97), Nise procurava criar um “ambiente acolhedor” utilizando os mais diversos tipos de materiais. Além disso, os frequentadores “pintavam acolhidos por pessoas que não tinham medo do inconsciente”. Tal perspectiva revela não apenas o interesse da psiquiatra em propiciar liberdade criativa, mas também em promover um espaço de afetividade, no qual a expressão simbólica pudesse emergir de forma autêntica.

Essa valorização do contato com o inconsciente aproxima-se das próprias vivências de Jung em relação à psique. O psiquiatra, que inicialmente buscava práticas como a ioga para tentar se “desligar das emoções”, percebeu que ignorar os significados das imagens e sons não era o melhor caminho para lidar com suas pressões internas. Como observa Melo (2001, p. 93), “este confronto com o inconsciente não poderia ser feito por um simples devanear ou por um controle repressor sobre as emoções”. Nesse sentido, tanto Jung quanto Nise reconhecem que o acolhimento das emoções e de suas manifestações simbólicas constitui um aspecto essencial do processo de cura.

Amparada por essa concepção de integração entre emoção e criação simbólica, Silveira desenvolveu, em sua prática clínica, “o método que denominou “Emoção de Lidar”. Essa abordagem materializou-se na criação de “diversos ateliês terapêuticos: pintura, desenho, modelagem, xilogravura, colagem, costura, entre outros” que possibilitavam ao paciente expressar seus conteúdos psíquicos de modo espontâneo e criativo. Ao longo do tempo, cerca de dezessete oficinas foram estruturadas, acompanhadas de atividades recreativas e de cursos de Terapêutica Ocupacional voltados à formação de monitores e colaboradores. Essas

iniciativas transformaram o cotidiano hospitalar, atraindo pacientes antes apáticos e marginalizados nos corredores e pátios, e oferecendo-lhes novas formas de expressão, convivência e reinserção social (Macedo, 2021, p. 32).

Ainda sobre o uso da expressão “terapêutica ocupacional” e “emoção de lidar” Nise afirma (1992, p. 22):

A expressão *terapêutica ocupacional* generalizou-se, embora seja pesada como um paralelepípedo. Preferimos dizer *emoção de lidar*, expressão usada por um dos clientes da Casa das Palmeiras, pois sugere a emoção provocada pela manipulação dos materiais de trabalho, uma das condições essenciais para a eficácia do tratamento.

Nise, assim como Jung, investiga a abstração como sendo algo fundamental do comportamento humano, ainda que em diferentes perspectivas. A abordagem de Jung foca nos processos psicológicos, utilizando o conceito como meio de diferenciar o conteúdo consciente de elementos irrelevantes, facilitando o entendimento do *self* e do inconsciente. Considera que a abstração é um movimento introvertido da libido, permitindo aos indivíduos transcenderem estados primitivos e se envolver com seus mundos interiores (Sharp, 1991). Como aponta Nise:

A condição prévia para que a tendência a abstrair entre em atividade seria a situação na qual exista projeção a priori inconsciente de forte carga de libido do sujeito para os objetos. Assim potencializados, os objetos tornam-se assustadoramente inquietantes, autônomos, dotados do poder de influenciar o homem (Silveira, 2015, p. 20).

De acordo com Silveira (2015), o historiador da arte Wilhelm Worringer compreende as relações entre o ser humano e o cosmos como determinantes da experiência estética. Quando essa relação se baseia na confiança, o prazer estético manifesta-se como um “gozo de si mesmo objetivado”, ou seja, uma empatia com o objeto. Por outro lado, quando a relação é marcada pela confusão ou pelo medo, surgindo uma “inquietação interior”, prevalece a “tendência à abstração”. Assim, segundo Worringer, o sentimento estético se move entre dois polos fundamentais: a necessidade de empatia e a necessidade de abstração (Silveira, 2015, p. 20).

A despotencialização dos objetos seria a consequência da abstração num “movimento de refluxo, de introversão dos objetos”. Mas como acontece essa dinâmica? Para a doutora Nise (2015, p. 20), a predisposição para se engajar em “respostas empáticas” acontece quando o indivíduo não percebe valor nos objetos, ansiando por conexão no ambiente externo: “Jung

analisa as ideias de Worringer esclarecendo a dinâmica psicológica das tendências a abstrair ou a empatizar, correlacionando-se às atitudes típicas de introversão e extroversão”.

Trazendo a experiência vivenciada no ateliê de pintura pode-se refletir sobre o desenvolvimento e incentivo da criatividade nos internos. As atividades expressivas ali colocadas não funcionavam como passatempo, e sim como parte do método terapêutico em Nise. Para a psiquiatra: “A experiência no ateliê de pintura do hospital psiquiátrico decerto confirma recuo diante da realidade externa vivenciada ameaçadoramente, assim como medo da realidade interna, talvez mais perigosa” (Silveira, 2015, p. 21).

Cabe ainda ressaltar que em seu livro *O Mundo das imagens* (1992, p. 93), a doutora elenca uma série de métodos de leitura das imagens como a arteterapia, por exemplo:

Caracteriza esse método a intervenção do arte-terapeuta. O doente é encorajado, ou seja, “dinamicamente orientado” a descobrir por si próprio a significação de suas criações, o que é alcançado graças ao estabelecimento de uma relação transferencial com o arte terapeuta (Silveira, 1992, p. 93).

Diferentemente do método de leitura das imagens da arte-terapia, o método desenvolvido por Nise no Museu de Imagens do Inconsciente consiste no fato de que as atividades ali realizadas são livres e espontâneas num ambiente acolhedor sem intervenção que oriente ou direcione (Silveira, 1992).

A doutora Nise buscava oferecer no ateliê uma experiência gentil, num ambiente de liberdade que pudesse acolher o cliente sem se preocupar com protocolos e prescrições médicas. Segundo Nise: “O ateliê era lugar agradável, amplo espaço com janelas sempre abertas deixando ver velhas árvores”. Para Nise, era importante que os clientes tivessem contato com a natureza, ainda que isso acontecesse de dentro do hospital (Silveira, 2015, p. 40).

Conforme aponta em trecho de sua tese, Magaldi (2020) explica que o método niseano não era voltado para formação de artistas ou pintores, pelo contrário, Nise evitava usar a palavra arte ou arte-terapia em seu cotidiano no ateliê. Ela dizia “dar forma às emoções, às imagens do inconsciente.” Além disso, Magaldi (2020, p. 207) reforça que o método niseano era sempre realizado de maneira espontânea num ambiente terapêutico livre.

Sobre essa orientação de proporcionar um ambiente terapêutico livre, Magaldi (2020, p. 207) resalta que servia tanto para o trabalho realizado na Casa das Palmeiras como para o Museu de Imagens de Inconsciente:

Essa orientação valia tanto para a CP como para o MII, dois eixos do pilar terapêutico do Mundo Nise. Mas foi sobretudo no âmbito deste último, situado em uma instituição hospitalar cuja sua população era em sua maioria interna, que a médica registrou seus mais profundos estudos de caso, através da leitura das produções imagéticas de seus pacientes, publicadas em suas duas grandes obras, *Imagens do Inconsciente* (Silveira, 1981) e *O Mundo das Imagens* (Silveira, 1992).

De acordo com Silveira (1992, p. 62), um dos principais objetivos terapêuticos consiste em possibilitar que o mundo interno do indivíduo tome forma e encontre meios de expressão por meio de símbolos. Nesse contexto, o mundo interno ou imaginativo passa a ser associado ao inconsciente, enquanto o mundo externo se vincula à consciência. A circulação simbólica entre esses dois polos, interno e externo é o que possibilita o processo de cura. Assim, os trabalhos desenvolvidos no método terapêutico proposto por Nise eram realizados de maneira espontânea, com o acompanhamento de monitores.

Para Silveira (2015), o trabalho do monitor no ateliê baseava-se em oferecer apoio funcionando como uma “espécie de catalisador”. Segundo a psiquiatra, em oposição ao agente catalisador estava o “agente inibidor” que “impede a reação”. Deste modo é interessante perceber que um mesmo monitor poderia funcionar como catalisador para um indivíduo e inibidor para outros, destacando aqui a importância da relação que era estabelecida entre o indivíduo e o monitor relata que, numa determinada situação no ateliê, foi preciso interromper a estudo de aprendizagem com um esquizofrênico dado estado em que se encontrou devido à licença do monitor. A relação entre eles era baseada antes de tudo na confiança que, por vezes, demandava muito tempo para ser conquistada (Silveira, 2015, p. 76).

Nise da Silveira (2015) ressalta que com Fernando Diniz não foi diferente. O artista apresentou mudanças de comportamento com a ausência de Dona Elza, monitora que o acompanhava no ateliê de pintura. Diniz demonstrou através da pintura os efeitos diretos da ausência de Dona Elza em relato à doutora Nise. Como afirma Nise, o afeto era crucial neste relacionamento:

Este fato impressionou-me profundamente e desde então fiquei ainda mais atenta ao relacionamento dos doentes com os monitores. Repetidas observações demonstraram que dificilmente qualquer tratamento será eficaz se o doente não tiver a seu lado alguém que represente um ponto de apoio sobre o qual ele faça investimento afetivo (Silveira, 2015, p. 76).

A intervenção através da experiência artística sobre o trabalho de Fernando, no ateliê, demonstra que a arte ali não era lançada como mera distração. Comentando sobre a pintura de Fernando Diniz nas palavras de doutora Nise:

Esta pintura é de Fernando, logo que começou suas atividades no atelier. Não raro o tumulto interior era tão intenso que sua pintura se apresentava completamente caótica. Veremos adiante como do caos ele passa ao figurativo e esforça-se tenazmente para construir composições. Entretanto, de quando em vez volta ao caos ou às formas abstratas se emoção, se angústia sobem em ondas mais altas quebrando todas as figuras (Silveira, 2015, p. 24).

Silveira (2015, p. 28) observa que os trabalhos de Fernando “oferecem a oportunidade extraordinária de surpreendernos a utilização da pintura como meio de defesa quando é grande o tumulto de pensamentos e emoções.” Através do trabalho de pintura realizado por Fernando Diniz, era possível considerar a condição opressora vivenciada por ele através das imagens e das recordações da infância.

Abaixo obra de Fernando Diniz sem título. Óleo sobre tela, 1970. 48x75. Exposição: Do Asilo ao Parque: 70 anos de história. A obra abaixo apresenta uma imagem pintada pelo artista Fernando Diniz mostrando uma casa e árvores à sua frente. É possível perceber tons de branco, azul, verde e vinho.

Figura 2 – Fernando Diniz



Fonte: Foto tirada por mim do acervo Museu de Imagens do Inconsciente em 21 de outubro de 2025 com autorização da direção do museu.

Em entrevista, Franklin Chang, analista junguiano e diretor da Casa das Palmeiras entre 1997 e 2001, revela que o “método” de Nise era atrelado ao “conceito revolucionário” do afeto catalisador (Adamo *et al.*, 2019). Segundo Chang, “o afeto catalisador é uma forma sutil de você estimular o trabalho criativo” (Adamo *et al.*, 2019, p. 7). O afeto catalisador apontado por Chang era algo importante de conexão que se formava na convivência com os clientes como Fernando Diniz e Adelina Gomes.

De acordo com Frayze-Pereira (2003) nos trabalhos realizados por Adelina, cliente internada em 1937 e acolhida por Nise em 1946, compreendemos que a potência de sua obra está na singularidade de suas pinturas. Nelas, seu desejo de “ser flor” imprimia-se em telas e desenhos. No trabalho de Adelina, encontramos um mito grego, o mito de Dafne. A intenção em desvendar significados e interpretações não se resumem no simples olhar artístico. O trabalho realizado com os clientes era imbuído de simbolismos e sensibilidade (Frayze-Pereira, 2003).

Inclusive, o trabalho feito com Adelina, cliente com histórico de esquizofrenia, foi se revelando aos poucos (Silveira, 2015). Inicialmente, a cliente tímida e agressiva, segundo o livro de observações clínica, se mostrou disposta a pintar, mesmo com o “negativismo” anotado em seu registro médico clínico. Adelina, que começou a frequentar o ateliê de pintura em 1946, tinha marcado em sua história, o estrangulamento da gata da família, gata estimada por ela e por todos. De forma curiosa, as primeiras pinturas de Adelina foram gatos. As imagens de gatos seriam a “personificação” da mãe de Adelina, que durante longo período a reprimiu (Silveira, 2015).

Seu trabalho era imbuído de sentido e as atividades expressivas materializavam o mundo interno dos clientes. Segundo Felipe Magaldi (2018, p. 9), “Adelina foi uma das primeiras pacientes a frequentar o ateliê. Inicialmente, trabalhando com o barro, e logo depois, dedicando-se também à pintura [...]”. Nise entendia que a vida pessoal de Adelina era traduzida em temas figurativos e míticos.

Abaixo obra de Adelina Gomes sem título. Óleo sobre tela, 30/10/1980. 48x75. Exposição: Do Asilo ao Parque: 70 anos de história.

Figura 3 – Adelina Gomes



Fonte: Foto tirada por mim do acervo Museu de Imagens do Inconsciente em 21 de outubro de 2025 com autorização da direção do museu.

Outro caso relatado por Nise em *O Mundo das Imagens* (1992, p. 61) é o de Emygdio de Barros. O artista começa a frequentar a STOR em 1947, participando das atividades de pintura e modelagem, trazido pelo monitor Hernani Loback. Segundo o próprio monitor, Emygdio já demonstrava interesse em acompanhá-lo e segundo ele, foi no “canto do olho” que notou seu desejo de o acompanhar.

O caso de Emygdio reforça a situação sobre a condição em que alguns pacientes se encontram nos hospitais psiquiátricos, muitos vivem anos inseridos naquele espaço. Emygdio estava internado havia vinte e três anos e seu psiquiatra entendia não valer a pena inseri-lo em novas atividades. Apesar do longo período de internação, Emygdio adaptou-se rapidamente às atividades do ateliê, revelando, inclusive, um talento notável. Toda obra do artista “revela a luta do consciente contra as avassaladoras forças do inconsciente” (Silveira, 1992, p. 63), demonstrando a interpenetração de espaço interno e externo.

Abaixo obra de Emygdio de Barros sem título. Óleo sobre tela, 1948. 65 x 92 cm. Exposição: *Do Asilo ao Parque: 70 anos de história*. A imagem abaixo apresenta a tela

pintado pelo artista Emygdio de Barros. Nela é possível vermos uma casa ao fundo e árvores à frente usando tons de azul, amarelo e verde.

Figura 4 – Emygdio de Barros



Fonte: Foto tirada por mim do acervo Museu de Imagens do Inconsciente em 21 de outubro de 2025 com autorização da direção do museu.

De acordo com Nise, nas “séries de imagens” devemos buscar “filiações que imprimam”, evitando a degradação simbólica conforme regularidade de imagens e ordenamento:

As imagens surgidas no ateliê do hospital revelam diferentes vivências do espaço – viagens através de espaços desconhecidos, sofridas vivências de bouleversamento do espaço cotidiano, luta tenaz para recuperá-lo. Sobretudo estas duas últimas vivências fazem parte constante das experiências psicóticas, segundo mostram as imagens pintadas (Silveira, 2015, p. 34).

O que Nise traz de sua vivência no hospital ela não encontraria no paradigma biomédico. Não era possível dar conta nem tratar os clientes de forma que eles ficassem emudecidos, silenciados. Segundo Nise (Silveira, 2015, p. 34): “A psiquiatria tradicional não oferece ajuda para o estudo desses acontecimentos intrapsíquicos”. Mas através das atividades expressivas, era possível acessar a interioridade dos clientes.

Como já mencionado anteriormente, Nise da Silveira rejeitava o uso de métodos agressivos na psiquiatria, como o eletrochoque e, sobretudo, a lobotomia. Em seus relatos sobre Lúcio, um paciente esquizofrênico do Hospital do Engenho de Dentro, descreve como suas esculturas de guerreiros simbolizavam intensas batalhas entre forças do bem e do mal. No entanto, após ser submetido à lobotomia, apesar da oposição de Silveira, Lúcio perde completamente sua capacidade criativa, tornando-se apático e incapaz de continuar produzindo suas expressões artísticas (Silveira, 2015). Essa experiência reforçou a convicção de Nise de que intervenções violentas suprimiam não apenas sintomas, mas também a dimensão humana e simbólica dos sujeitos em sofrimento psíquico (Catta-Preta, 2021).

Abaixo obra sem título em gesso feita por Lúcio Noeman. 1949, 40 x 23,2 x 34 cm. Exposição: Do Asilo ao Parque: 70 anos de história. A imagem abaixo apresenta a obra em gesso branco feito pelo artista Lúcio Noeman. É possível vermos um homem com as mãos elevadas como em direção ao céu.

Figura 5 – Lúcio Noeman



Fonte: Foto tirada por mim do acervo Museu de Imagens do Inconsciente em 21 de outubro de 2025 com autorização da direção do museu.

Essa compreensão da violência institucional não se restringia apenas aos métodos terapêuticos, mas se estendia também à própria organização dos espaços psiquiátricos. Sobre o ambiente hospitalar Nise da Silveira (2015, p. 36) afirma: “A ausência de interesse da psiquiatria pelos problemas do espaço revela-se na arquitetura hospitalar. É uma arquitetura fria, rígida. Dá suporte e reforço ao medo, ao sentimento de estar isolado de tudo”.

Essa crítica à estrutura fria e impessoal dos hospitais psiquiátricos revela a concepção de Nise de que o cuidado era baseado no acolhimento do indivíduo em sua totalidade simbólica e vital. Para ela, o espaço terapêutico precisava favorecer a expressão criadora e o restabelecimento dos vínculos afetivos, em contraste com a lógica de isolamento e controle que predominava nas instituições. Como observado por Castro e Lima (2007, p. 370) essa visão humanista encontra apoio na psicologia analítica de Carl Gustav Jung, cuja influência foi

decisiva na elaboração de sua prática clínica e de seu pensamento teórico. Nise buscou apreender a obra de Jung sem que necessariamente fizesse parte de um método inerte, ao contrário, trazendo a psicologia analítica, tratava-se sim de um “organismo vivo”. Jung considerava o processo psíquico como um processo vital, uma manifestação do dinamismo básico da vida.

Os clientes em tratamento de esquizofrenia traziam um mundo interno próprio e, com o auxílio da teoria junguiana, Nise buscava desvendar suas manifestações psíquicas:

Interpretando a esquizofrenia do ponto de vista junguiano, torna-se fácil entender que, se o consciente é invadido por conteúdos do inconsciente providos de forte carga energética e efeitos desintegrantes, as coordenadas de orientação no espaço (e no tempo) poderão deslocar-se, criando-se assim a possibilidade de múltiplas visões do mundo (Silveira, 2015, p. 34-35).

A doutora Nise buscou auxílio de Jung para interpretar as mandalas desenhadas pelos internos. As imagens das mandalas demonstravam um processo de organização interna dos clientes (Catta-Preta, 2021). Como afirma Catta- Preta (2021, p. 118): “Assim, a vida simbólica não se expressa apenas em imagens oníricas ou espontâneas que se refletem na arte, mas pode estar contida em outras formas de representação do símbolo”.

Sobre os círculos desenhados pelos clientes do ateliê, Nise percebe que são imagens de mandalas e que são pintadas em grande quantidade. Na tentativa de entender seus significados ou tentar decifrá-los a doutora recorre à Jung enviando-lhe uma carta:

Uma escolha de imagens desse tipo veio constituir o primeiro álbum do acervo do Museu de Imagens do Inconsciente. Ali estava uma documentação reunida empiricamente, mas as dúvidas teóricas permaneciam. Aquelas imagens seriam mesmo mandalas? E, em caso afirmativo, como interpretá-las na pintura de esquizofrênicos? Ousei então escrever uma carta ao próprio C.G. Jung, enviando-lhe algumas fotografias de mandalas brasileiras (Silveira, 2015, p. 58).

Sobre este episódio da carta enviada a Jung, Nise teve a resposta, escrita pela secretária do psiquiatra, Sra. Aniela Jaffé no dia 15 de dezembro de 1954. O médico psiquiatra respondeu positivamente à doutora Nise, confirmando que os desenhos se tratavam de mandalas: “O Professor Jung observou que os desenhos têm uma regularidade notável, rara na produção dos esquizofrênicos, o que demonstra forte tendência do inconsciente para formar uma compensação à situação de caos do consciente.” (Silveira, 2015, p. 58).

O esforço em interpretar cada mandala justificava-se a partir da ideia de que as mudanças imprimidas nelas poderiam refletir o desarranjo psíquico do sujeito ou seu estado mental:

Mas será sempre útil estudar cada mandala com atenção. Desde que comecem a diferenciar-se, seus detalhes formais podem trazer indicações clínicas de grande importância, pois estarão dando expressão à situação psíquica de seu autor no momento em que ele as configura (Silveira, 2015, p. 67).

Abaixo imagem de duas mandalas pintadas por Manoel Godinho. Óleo sobre tela, sem data. Exposição: Do Asilo ao Parque: 70 anos de história. A imagem abaixo apresenta duas mandalas feitas em quadro com moldura de madeira pelo artista Manoel Godinho. As cores na primeira mandala são tons de verde, azul e rosa. Na segunda mandala à direita veremos tons de azul, cinza, branco, rosa e amarelo.

Figura 6 – Duas mandalas de Manoel Godinho



Fonte: Foto tirada por mim do acervo Museu de Imagens do Inconsciente em 21 de outubro de 2025 com autorização da direção do museu.

A ideia de doutora Nise, diferentemente do paradigma biomédico, era deixar o cliente livre para escolher o caminho que melhor o atendesse em seu ateliê. A escolha do uso das

atividades expressivas no ateliê deveria acontecer de forma espontânea pelo interno, visando se conectar com a emoção manifestada naquele momento. Não havia regras e obrigações no tocante às atividades, ainda que no primeiro momento isto parecesse anomia total. O desenvolvimento do trabalho artístico/terapêutico acontecia à medida em que o cliente conseguisse se “abrir” naturalmente (Chang, 2019).

Segue abaixo imagem de Nise no ambiente vivenciado pelos artistas do ateliê. Nesta imagem podemos ver doutora Nise em pé apontando para o quadro pintado por Adelina de Barros. À esquerda o terapeuta Arnaldo e ao fundo Emygdio de Barros e também a terapeuta Maria do Carmo ao lado de Nise.

Figura 7 – Nise no ateliê



Fonte: Foto tirada por mim do acervo Museu de Imagens do Inconsciente em 21 de outubro de 2025 com autorização da direção do museu.

Essa liberdade não representava ausência de direcionamento terapêutico, mas expressava uma confiança na capacidade criadora do sujeito e em seu potencial de reorganização interna. Ao suspender o controle e permitir a espontaneidade, Nise instaurava um espaço de cuidado ético, em que o ato de criar se tornava um caminho de autoconhecimento e de reconstrução simbólica. Essa postura se refletia também em sua forma de conduzir os ateliês e oficinas, voltada à observação sensível e contínua dos processos expressivos dos internos.

Conforme apontado por Melo e Ferreira (2013), nos ateliês e oficinas que Nise coordenava, buscava trabalhar dimensões afetivas, espaciais e temporais sob uma perspectiva

distinta da psiquiatria tradicional. Seu olhar compreensivo valorizava o acompanhamento cotidiano das atividades e a análise das imagens produzidas, entendidas como formas de linguagem simbólica. Assim, em vez de suprimir sintomas, Nise propunha acompanhar os processos de autocura manifestos nas expressões criativas do próprio sujeito.

Ao longo de sua trajetória, Nise da Silveira construiu um legado no campo da pesquisa, fundamentado em práticas inovadoras e humanistas. Criou o Museu de Imagens do Inconsciente e Casa das Palmeiras, manteve ateliês de pintura e modelagem como espaços terapêuticos e formou sua equipe técnica com base em uma atitude de acolhimento e escuta sensível. Além disso, produziu registros audiovisuais de suas experiências clínicas, organizou grupos de estudos junguianos com a participação de profissionais e pacientes, publicou livros, concedeu entrevistas e promoveu exposições nacionais e internacionais que revelavam a expressividade e a potência criativa de pessoas em sofrimento psíquico, demonstrando que, quando silenciada pela doença ou pelo tratamento coercitivo, a voz humana podia encontrar nas imagens um novo modo de se expressar (Catta-Preta, 2021).

O conceito de “emoção de lidar”, expressão que sintetiza o valor terapêutico do fazer com as mãos e da ação criadora foi inspirado em Antonin Artaud, poeta francês que, mesmo como paciente psiquiátrico, criticou duramente os métodos violentos da psiquiatria tradicional. Nise compreendia o ato criativo como um caminho para acessar os “inumeráveis estados do ser”, mobilizando forças psíquicas transformadoras (Catta-Preta, 2021, p. 121).

Essa compreensão da criação como forma de transformação interior estendia-se também à forma como Silveira concebia o afeto no processo terapêutico. Assim como as atividades expressivas permitiam o contato com conteúdos psíquicos profundos, o vínculo afetivo com os animais possibilitava a reativação de laços emocionais frequentemente adormecidos pela vivência institucional (Silveira, 1992).

No que se refere à presença dos animais como coterapeutas no ambiente hospitalar, a doutora Nise destacava que o afeto e o cuidado direcionados a esses companheiros favoreciam a melhora do sofrimento psíquico dos clientes. Observava-se que muitos frequentadores do ateliê raramente se comunicavam com os colegas ou com os monitores; entretanto, o convívio com cães e gatos provocava mudanças significativas em seus comportamentos. Essa transformação é ilustrada por Silveira (2015) no relato sobre a cliente Djanira, registrado por uma das monitoras do ateliê:

A paciente que não falava até a presente data foi surpreendida junto a uma gatinha, dizendo bonitinha... bonitinha mesmo. Quando se viu descoberta fugiu imediatamente do local. Djanira era muito apegada a esta gata, chamada Cravina. Com ela dividia seus alimentos e, enquanto pintava, tinha sempre Cravina sobre a carteira ou ao colo” (Silveira, 2015, p. 88-89).

Outro exemplo citado por Silveira (2015) é o do interno Abelardo, que era temido na enfermaria em razão de seu comportamento agressivo e de sua força física. Após o contato com o cão Wolf e com outros animais que frequentavam o ateliê, Abelardo apresentou uma transformação significativa em sua conduta, passando a dedicar-se à construção de abrigos e ao cuidado com cães e gatos abandonados.

Todavia, a doutora Nise (2015) observa que a relação entre os clientes e os animais nem sempre se estabelece de forma afetiva ou harmoniosa. Em alguns casos, os animais tornam-se alvos de medo, raiva ou projeções inconscientes que despertam sentimentos de hostilidade. Um exemplo é o de Octávio, que acreditava que o canto do bem-te-vi denunciava seus impulsos reprimidos, levando-o a desejar a morte da ave. Em contrapartida, o caso de Carlos revela a dimensão terapêutica positiva dessa convivência: os cães Sultão e Sertanejo atuaram como verdadeiros coterapeutas, favorecendo sua melhora emocional.

Apesar dos benefícios evidentes e das transformações comportamentais observadas entre os frequentadores do ateliê em contato com os animais, Nise também registra episódios de grande hostilidade e violência. Segundo a doutora, o relacionamento entre os internos e os animais enfrentou inúmeras dificuldades e resistências. Muitos não entendiam o propósito do convívio entre eles, resultando em comentários maldosos e atitudes grosseiras.

Mais grave ainda foram os atentados contra os próprios animais: em janeiro de 1960, um administrador chegou a ordenar que os cães fossem enviados ao serviço estadual de captura de animais, onde seriam eletrocutados, situação da qual conseguiram ser salvos. No entanto, em setembro de 1961, nove cães foram envenenados (Silveira, 2015, p. 93).

Nesse contexto, Silveira (2015, p. 93) menciona os pesquisadores norte-americanos Dr. Boris Levinson e o professor Samuel Corson, que também desenvolveram estudos sobre o papel dos animais no processo terapêutico:

Parece-me merecer observação atenta a maneira como se processa o relacionamento do homem (doente ou não) com o animal. Este relacionamento reflete a problemática entre o homem que se esforça para firmar-se na condição humana, e o animal existente nele próprio. Relacionamento difícil, de luta, sacrifício, confronto, amizade, desenvolvido ordinariamente numa trama complexa de projeções e identificações (Silveira, 2015, p. 93).

Abaixo uma Imagem do Arquivo Nise da Silveira/SAMII sobre a importância do animal como coterapeuta. A imagem abaixo mostra uma moldura intitulada “Animal Coterapeuta” e dois cartazes explicativos. O primeiro mostra o cliente Raphael com quatro cachorros à sua frente e o segundo cartaz mostra Nise da Silveira em pé alimentando os animais coterapeutas datado de 1960.

Figura 8 – Animal coterapeuta



Fonte: Foto tirada por mim em 21 de outubro de 2025 autorizada pela direção do Museu de Imagens do Inconsciente.

Além do relacionamento com os animais, Nise também observava a relação dos clientes com a jardinagem, prática esta que segundo a psiquiatra trazia tanto benefício quanto àquele vivenciado com cães e gatos, citando o exemplo do papel da roseira como coterapeuta (Silveira, 2015).

Dessa forma, como observa Catta-Preta (2021), a prática clínica desenvolvida por Nise antecipou princípios que mais tarde fundamentariam os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). A Casa das Palmeiras, concebida por ela, exemplificava esse modo inovador de cuidado: um espaço de convivência e liberdade, pautado no afeto e na valorização da expressão criadora. Ali, os clientes, acompanhados ou não por seus familiares, encontravam acolhimento e a possibilidade de ressignificar suas experiências, reconstruindo, pela via do fazer e do sentir, o sentido de suas existências.

6 REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

Este capítulo apresenta uma revisão sistemática da literatura, onde buscamos identificar, analisar e discutir como os aspectos éticos das obras da psiquiatra Nise da Silveira têm sido abordados na produção acadêmica.

Considerando a relevância histórica e epistemológica de sua atuação na reforma do cuidado em saúde mental no Brasil, esta revisão busca compreender de que modo os princípios éticos relacionados às suas práticas, como a recusa à violência manicomial, o respeito à subjetividade e o uso de atividades expressivas como meio terapêutico são reconhecidos e debatidos nos estudos científicos.

Optou-se por realizar uma revisão sistemática devido à necessidade de reunir, de forma criteriosa as principais evidências publicadas sobre o tema, contribuindo para a discussão temática e sustentar as análises da presente dissertação. O procedimento metodológico seguiu os princípios orientadores do protocolo PRISMA (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses).

6. 1 CRITÉRIOS DA SELEÇÃO

Na revisão deste trabalho foram consultadas as seguintes bases: Pubmed, Scielo, Lilacs, Medline, Base Index Psicologia, Base BDNEF - Enfermagem, Coleciona SUS e EBSCOhost. Os descritores inseridos foram os seguintes: “Nise da Silveira” e “ética”, “Nise da Silveira” e “bioética”, “Nise da Silveira” e “aspectos éticos”. Foram selecionadas publicações entre 1990 e 2025.

Nesta primeira pesquisa buscamos identificar o número de trabalhos com o descritor “Nise da Silveira” com as combinações acima mencionadas, observando seu formato, (artigo, livro, dissertação, teses, trabalhos finais de curso, dentre outros). Ao todo foram encontrados 119 resultados com esse descritor. Destes 119 resultados, excluíram-se os arquivos duplicados, restando 70 estudos.

Em seguida foi realizada a leitura dos resumos como forma de identificar os estudos que respondiam à pergunta proposta por este trabalho: De que forma os trabalhos produzidos academicamente sobre a obra de Nise aparecem no campo científico e quais deles destacam os aspectos éticos de Nise da Silveira? Essas e outras questões serão discutidas adiante.

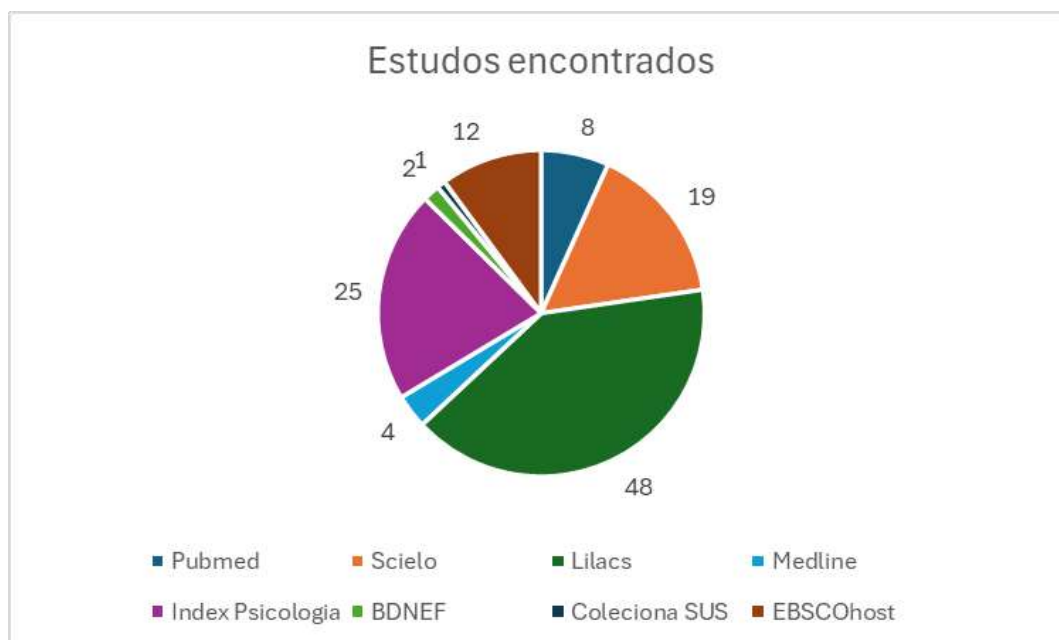
Alguns estudos encontrados foram excluídos por apenas mencionarem o nome de Nise, sem abordar os aspectos éticos de sua vida ou obra. Também foram excluídos estudos

que abordavam instituições que receberam o nome da doutora Nise, como o Hospital da Mulher de Maceió, chamado Hospital da Mulher Dra. Nise da Silveira.

Conforme mencionado na Introdução desta pesquisa, os critérios de **inclusão** foram: 1) trabalhos que mencionam aspectos éticos da obra da doutora Nise da Silveira; 2) trabalhos que sejam artigos, dissertações, teses ou trabalhos de conclusão de curso. Excluíram-se os trabalhos que não dialogavam com os aspectos éticos e bioéticos da obra de Nise.

A seguir, apresentamos gráfico com o total de trabalhos encontrados por base de dados pesquisada utilizando os descritores. O período selecionado foi de 1990 até 2025.

Gráfico 1 – Total de estudos localizados por base de dados (119)



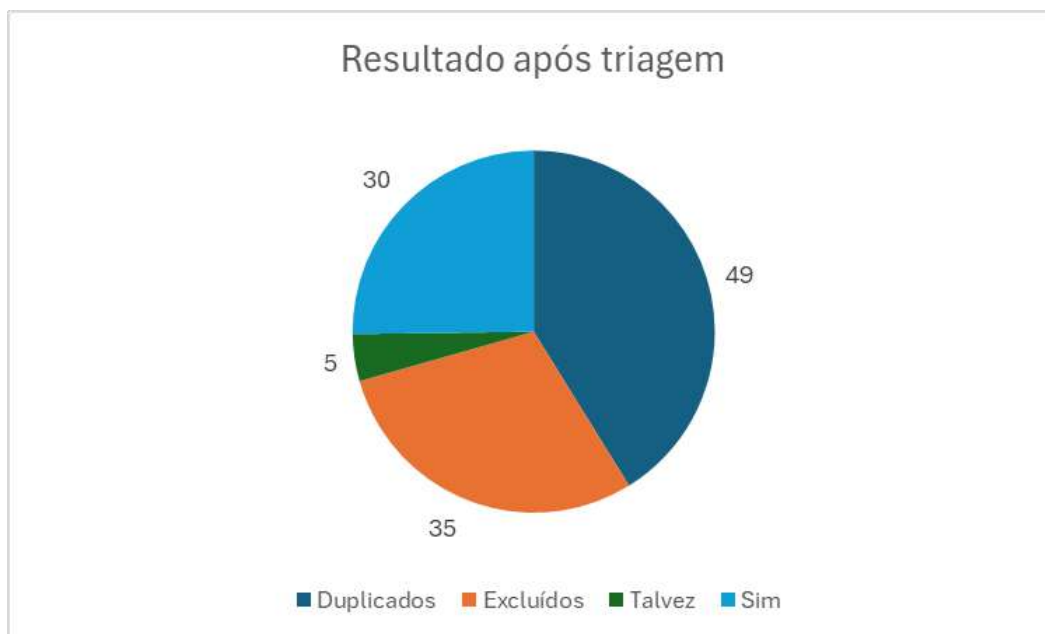
Fonte: Pubmed; Scielo; Lilacs; Medline; Index Psicologia; BDNEF; Coleciona SUS; EBSCOhost.
Elaboração própria.

Como é possível visualizar no gráfico 1, a expressiva maioria dos trabalhos localizados estavam compreendidos em duas bases de dados (verde de 48 e roxo de 25). Representando 61,34 % do total de publicações encontradas.

O gráfico 2 compreende o total de estudos selecionados após a exclusão dos trabalhos duplicados e daqueles que não se relacionavam com a pergunta proposta por esta revisão. Conforme descrito na seção metodológica, foram excluídos desta pesquisa textos de caráter exclusivamente biográfico ou histórico que não apresentavam discussões éticas, bem como produções que apenas mencionavam Nise da Silveira sem oferecer uma análise crítica ou aprofundada de sua obra. Também foram desconsideradas publicações de natureza não acadêmica, como reportagens, blogs, vídeos e conteúdo de redes sociais.

Assim, foram selecionados 30 estudos possíveis para esta revisão, além de 5 estudos que foram para fase de análise.

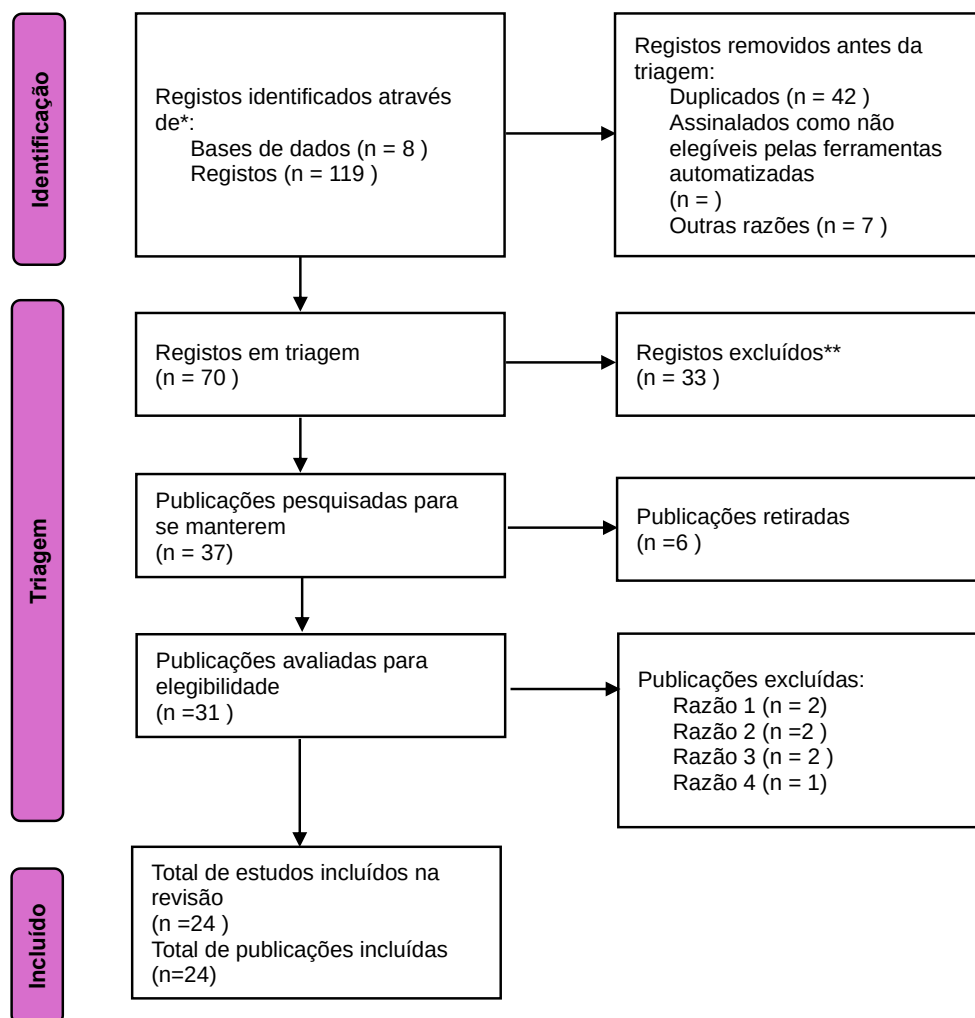
Gráfico 2 – Trabalhos selecionados após a primeira triagem



Fonte: Pubmed; Scielo; Lilacs; Medline; Index Psicologia; BDNEF; Coleciona SUS; EBSCOhost.
Elaboração própria.

Abaixo apresentamos as etapas realizadas no fluxograma Prisma de análise de estudos e triagem até a etapa final com os 24 estudos selecionados.

Figura 9 – PRISMA 2020 Fluxograma para novas revisões sistemáticas que incluam buscas em bases de dados, protocolos e outras fontes



Fonte: Traduzido por: Verónica Abreu*, Sónia Gonçalves-Lopes*, José Luís Sousa* e Verónica Oliveira / *ESS Jean Piaget - Vila Nova de Gaia - Portugal de: Page MJ, McKenzie JE, Bossuyt PM, Boutron I, Hoffmann TC, Mulrow CD, *et al.* The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. *BMJ* 2021;372:n71. doi: 10.1136/bmj.n71

Como podemos verificar no fluxograma apresentado acima, durante o processo de triagem, sete publicações foram excluídas por diferentes razões: algumas por se tratarem de textos exclusivamente biográficos, outras por apresentarem apenas breves relatos pessoais ou por centrarem sua análise em referenciais teóricos específicos, como a filosofia de Espinosa ou a Fenomenologia, sem estabelecer relação direta com a temática ética proposta neste estudo. Ressalta-se ainda que um dos trabalhos inicialmente selecionados, identificado por meio da leitura do resumo foi solicitado à biblioteca de origem, mas não houve retorno à solicitação, impossibilitando sua inclusão na análise final. Dessa forma, restaram trinta e um estudos. Dos

trinta e um estudos, após leitura do texto integral, verificou-se que 24 estudos respondem à pergunta de pesquisa em maior ou menor medida.

6.2 ANÁLISE DOS TEXTOS SELECIONADOS

Na análise comparativa dos autores, observam-se diferentes ênfases quanto ao legado de Nise da Silveira, ainda que todos reconheçam sua contribuição ética e humanizadora. Alguns enfatizam a inovação ética do uso das atividades expressivas, como Figueira *et al.* (2007), que defendem a implantação de ateliês hospitalares como estratégia clínica e ética, reafirmando “a dignidade e a subjetividade dos internados” (p. 3).

Em linha semelhante, Almeida *et al.* (2021) ressaltam que a criação de um ateliê em emergência psiquiátrica, inspirado no método niseano, “transforma o ambiente de internação em espaço de humanização” (p. 47). Já Catta-Preta (2021) valoriza o Museu de Imagens do Inconsciente como local de preservação da criatividade dos clientes, onde “Nise tem uma fala imagética presente na narrativa dos casos clínicos” (p. 123). Essas leituras se aproximam ao destacar a arte como meio de expressão subjetiva e reconhecimento da dignidade dos clientes.

Por outro lado, outros autores concentram-se mais na crítica ao modelo biomédico e às práticas violentas. Walter Melo (2007) descreve a trajetória de Nise como um “enquadre ético de não abandono” (p. 2), reforçando sua recusa ao eletrochoque e à lobotomia, enquanto Castro e Lima (2007) reforçam que sua prática representou “uma ruptura fundamental com a visão reducionista da loucura” (p. 5).

Motta (2005) enaltece o trabalho de doutora Nise através do afeto e cuidado que a psiquiatra propunha em seu trabalho terapêutico: “Nise foi alguém que sempre conseguiu aglutinar pessoas em torno de si, possivelmente pelo seu posicionamento firme e claro pela possibilidade de ter no afeto o seu principal canal de relação com o mundo” (Motta, 2005, p. 19).

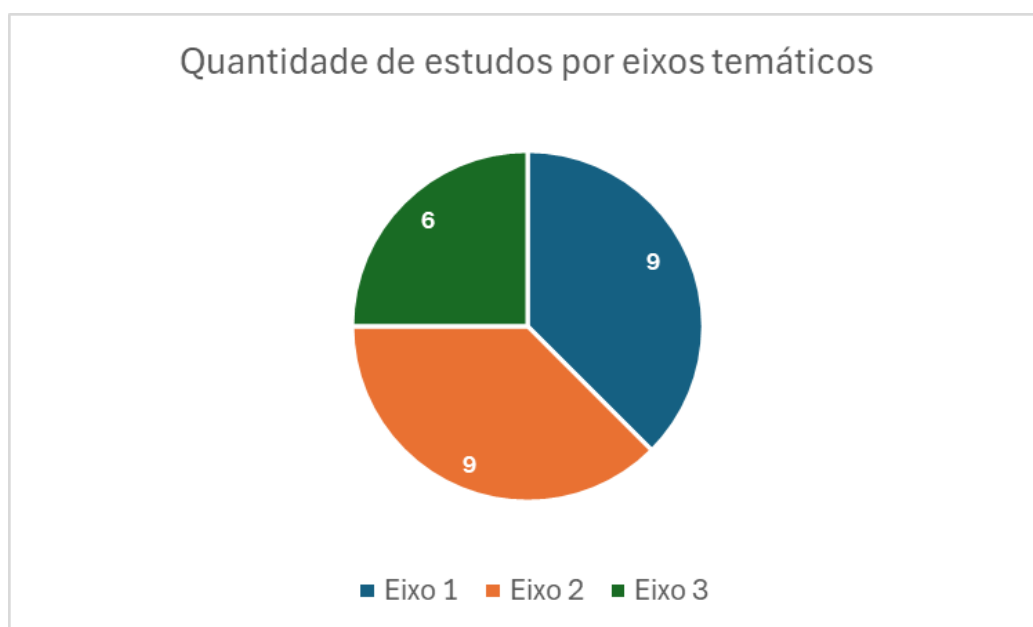
Já Mesquita (2000, p. 60) reforça a perspectiva revolucionária e libertadora no trabalho de Nise, além de sua aproximação com a psicologia junguiana: “O caminho que Nise da Silveira propunha é completamente diferente de montar uma escola psicanalítica e tratar a todos da mesma maneira.”

Também Schleder e Holanda (2015) se afastam da ênfase exclusiva na arte e aproximam Nise da fenomenologia, argumentando que ela “valorizava a experiência prática [...] para além de sua psicopatologia” (p. 59), destacando o respeito à vivência subjetiva como fundamento ético.

Finalmente, autores mais recentes como Berti e Castro (2023; 2024) ampliam o debate ao discutir as implicações éticas para a psiquiatria atual, destacando não apenas a dignidade e a empatia, mas também a necessidade de superar a lógica utilitarista ao reconhecer os animais como sujeitos em uma relação de “coemergência interespécies” (2024, p. 4).

Dessa forma, **três** grandes eixos temáticos emergem de forma recorrente nos 24 trabalhos incluídos: eixo (1) **a crítica à violência institucional**, como em Melo (2007) e Castro e Lima (2007); eixo (2) **a valorização da arte como forma de cuidado**, enfatizada por Figueira *et al.* (2007), Almeida *et al.* (2021) e Catta-Preta (2021); e eixo (3) **o reconhecimento do paciente como sujeito ativo**, defendido por Schleder e Holanda (2015) e Magaldi (2018).

Figura 10 – Total de estudos por eixos temáticos (24)



Fonte: Pubmed; Scielo; Lilacs; Medline; Index Psicologia; BDNEF; Coleciona SUS; EBSCOhost. Elaboração própria.

Apesar das diferenças de enfoque, alguns mais voltados à inovação terapêutica, outros à crítica institucional ou às atualizações médico-contemporâneas, há consenso em situar o legado de Nise como um marco ético e humanizador, cuja atualidade permanece central no debate sobre saúde mental.

A comparação das abordagens evidencia que, embora os autores apresentem diferentes recortes e ênfases, todos convergem na defesa da relevância ética do legado de Nise da Silveira. Enquanto alguns reforçam o uso das atividades expressivas como linguagem privilegiada de cuidado e humanização, outros acentuam sua postura de resistência frente à violência institucional da psiquiatria hegemônica.

Mais recentemente, surgem interpretações que ampliam o debate bioético, incluindo dimensões como a alteridade interespécies e a crítica à medicalização excessiva. Essa diversidade de perspectivas demonstra não apenas a atualidade de sua obra, mas também sua capacidade de inspirar reflexões éticas e políticas no campo da saúde mental.

6.3 RESULTADOS DA REVISÃO SISTEMÁTICA

A análise dos estudos selecionados evidenciou que a produção acadêmica sobre Nise da Silveira, embora significativa em quantidade, ainda apresenta uma abordagem fragmentada em relação aos aspectos éticos de sua obra. Dos 24 estudos incluídos na revisão, apenas 7 analisaram de forma expressiva as implicações éticas de sua prática clínica, enquanto os demais centraram-se em sua contribuição para a reforma psiquiátrica, no uso de atividades expressivas como forma terapêutica ou na contextualização histórica de sua atuação. A tabela referenciada encontra-se na Introdução.

Em geral, os estudos que abordaram a ética em sua obra convergem em destacar a recusa radical de Nise da Silveira em aderir aos métodos manicomiais violentos, como o eletrochoque, a lobotomia e a internação prolongada. Esses trabalhos enfatizam que sua prática foi pautada por uma ética do cuidado, centrada no reconhecimento da subjetividade dos pacientes, no respeito à sua singularidade e na valorização da expressão simbólica como meio de comunicação. Essa postura ética, segundo os autores, antecipa debates contemporâneos sobre direitos humanos em saúde mental.

Entretanto, poucos estudos exploram com profundidade os fundamentos filosóficos e éticos que sustentam essa prática. Essa lacuna aponta para uma subexploração do potencial teórico e ético de sua obra, frequentemente tratada mais como inspiração humanista do que como objeto de análise crítica.

Outro ponto relevante diz respeito à linguagem utilizada nos estudos. Observou-se que muitos textos utilizam termos como “humanização”, “empatia” e “respeito ao paciente” de maneira descritiva, mas sem aprofundar o significado ético desses conceitos no contexto das práticas psiquiátricas biomédicas. A ética presente na obra de Nise é, diversas vezes, refletida em descrições de sua “sensibilidade” ou “visão diferenciada”, o que pode reforçar uma leitura idealizada, no lugar de uma compreensão crítica.

Por outro lado, alguns estudos apontam com mais clareza o caráter contracultural de sua prática, relacionando sua atuação à resistência política durante o período de endurecimento militar e à crítica institucional à psiquiatria biomédica. Nesses trabalhos, a ética não aparece

apenas como postura pessoal, mas como opção política e epistemológica, voltada à transformação das formas de cuidado em saúde mental e à ruptura com a lógica excludente do manicômio.

6.4 CARACTERÍSTICA DOS ESTUDOS

O Gráfico abaixo demonstra o recorte temporal que prevaleceu na revisão sistemática compreendendo o período entre 2000 e 2024. Nos anos de 2007 e 2021 houve um aumento na publicação de trabalhos sobre a doutora Nise da Silveira. Entende-se que este período concentrou um número expressivo de produções acadêmicas que retomam e atualizam as contribuições sobre a psiquiatria, especialmente no que se refere à valorização das atividades expressivas no campo da saúde mental.

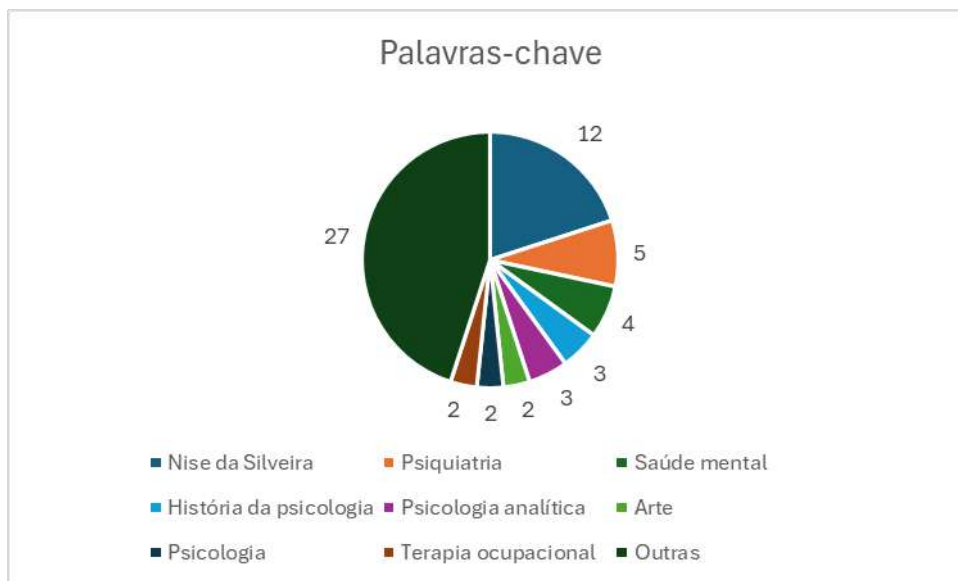
Gráfico 3 – Quantidade de artigos por ano (24)



Fonte: elaboração própria.

Conforme a tabela abaixo, observou-se a recorrência de determinadas palavras-chave que evidenciam as principais tendências e enfoques dos estudos analisados. Termos como *Nise da Silveira*, *psicologia*, *saúde mental* e *psiquiatria* apareceram com maior frequência. Outras palavras também apareceram em menor frequência como: *arte*, *psicologia analítica* e *terapia ocupacional*. A repetição desses termos reflete um crescente interesse por temáticas na área da saúde mental bem como a valorização do legado de Nise da Silveira como referência teórica e prática nas pesquisas atuais.

Gráfico 4 – Palavras-chave



Fonte: elaboração própria.

Em síntese, a análise crítica dos estudos demonstra que a ética na obra de Nise da Silveira é amplamente reconhecida, mas ainda pouco sistematizada do ponto de vista conceitual. Há uma valorização clara de sua prática humanizadora, mas com pouco aprofundamento teórico sobre os fundamentos éticos que a sustentam. Tal constatação justifica e reforça a pertinência da presente dissertação, que busca justamente contribuir para o aprofundamento dessa dimensão ainda pouco explorada da produção acadêmica.

Os dados extraídos foram organizados na planilha abaixo. Ela contém informações sobre autor(es), ano de publicação, tipo de estudo (artigo, dissertação ou tese), aspectos éticos discutidos e temas principais

Tabela 1 – Artigos incluídos na revisão aspectos éticos

Nº	Referência (Autor, ano, título)	Tipo de estudo	Aspectos éticos abordados	Temas principais
1	GUIMARÃES, J.; Saeki, T. (2007) Sobre o tempo da loucura em Nise da Silveira.	Revisão de literatura	Experiência subjetiva do tempo; afeto como condição essencial	Humanização da psiquiatria; Subjetividade do paciente.
2	MAGALDI, F. (2019) Das memórias de Nise da Silveira no hospital psiquiátrico do Engenho de Dentro	Estudo qualitativo com abordagem etnográfica	Luta antimanicomial; prática terapêutica	Crítica à violência institucional; Crítica ao modelo biomédico.
3	CARVALHO; AMPARO (2006) Nise da Silveira: a mãe da humana-idade.	Estudo biográfico	Respeito à subjetividade do paciente; Afeto como condição essencial.	Atividades expressivas como linguagem terapêutica; Humanização da psiquiatria
4	BERTI; CASTRO (2024) Nise da Silveira e as espécies companheiras.	Estudo bibliográfico-documental	Animais como coterapeutas; valorização dos vínculos afetivos.	Respeito à dignidade humana; humanização da psiquiatria.
5	BERTI; CASTRO (2023) Uma clínica catalisadora.	Análise biográfica-documental	Combate aos métodos agressivos de tratamento; Promoção de uma clínica humanizada e afetiva.	Humanização da psiquiatria; Crítica à contenção física/medicalização

6	LOUSA; MIKOSZ (2022) Nise da Silveira and the revolutionary use of art as occupational therapy in the psychiatric context.	Revisão da biografia.	Rejeição aos tratamentos violentos; Valorização do afeto e da livre expressão.	Atividades expressivas como linguagem terapêutica; Crítica à contenção física/medicalização
7	GOMES; BRITO (2019) "Nise, o coração da loucura": representações femininas em um filme sobre a terapia ocupacional.	Análise fílmica	Compromisso com os direitos humanos e com a dignidade dos pacientes psiquiátricos; Resistência à opressão e luta por justiça de gênero e social.	Crítica à contenção física/medicalização; Atividades expressivas como linguagem terapêutica
8	MAGALDI, F. (2018) A metamorfose de Adelina Gomes: gênero e sexualidade na psicologia analítica de Nise da Silveira.	Relato de caso	Valorização da expressão subjetiva como forma de cuidado; Crítica à patologização de questões de gênero e sexualidade.	Subjetividade do paciente; Atividades expressivas como linguagem terapêutica
9	MAGALDI, F. (2018) A psique ao encontro da matéria: corpo e pessoa no projeto médico-científico de Nise da Silveira.	Estudo qualitativo	Crítica ao tratamento desumano de pacientes psiquiátricos; Promoção da expressão subjetiva e respeito à individualidade	Reforma psiquiátrica no Brasil; Uso de atividades expressivas como linguagem terapêutica
10	FABRÍCIO <i>et al.</i> (2017) Atelier Gaia: sua história e a arte no campo da atenção psicossocial	Estudo qualitativo	Valorização da subjetividade e autonomia dos indivíduos; Compromisso com a desinstitucionalização e os direitos humanos	Reforma Psiquiátrica Brasileira e atenção psicossocial; Uso de atividades expressivas como ferramenta terapêutica
11	OLIVEIRA <i>et al.</i> (2017) Afetividade, liberdade e atividade: o tripé terapêutico de Nise da Silveira no Núcleo de Criação e Pesquisa Sapos e Afogados	Pesquisa de campo e análise do discurso.	Promoção da liberdade e da expressão subjetiva; Crítica ao poder disciplinar e defesa da autonomia dos usuários	Arte e reabilitação psicossocial; Saúde mental e tripé terapêutico de Nise

12	CASTRO; LIMA (2007) Resistência, inovação e clínica no pensar e no agir de Nise da Silveira	Análise histórico-biográfica	Respeito à subjetividade e ao potencial das pessoas em sofrimento psíquico; Crítica à lógica manicomial e promoção da inclusão	Transformações nas práticas da psiquiatria e da terapia ocupacional; Integração entre arte, cultura e saúde mental
13	DIAS, P. B. (2003) Arte, loucura e ciência no Brasil: as origens do Museu de Imagens do Inconsciente	Estudo histórico-qualitativo	Valorização da expressão subjetiva e da criatividade dos sujeitos em sofrimento psíquico; Desafio ao modelo biomédico hegemônico	História da psiquiatria e da Terapia Ocupacional no Brasil; Intersecção entre arte, ciência e loucura
14	MACEDO, V. (2021) A importante contribuição da obra de Nise da Silveira para a Psicologia Analítica de Jung	Relato pessoal	Humanização cuidado em saúde mental; resistência à violência institucional e métodos violentos	Revolução na psiquiatria por meio da psicologia analítica e das atividades expressivas; A "emoção de lidar"
15	ALMEIDA <i>et al.</i> (2021) Por um método niseano na saúde mental: a construção de um ateliê de arte na emergência psiquiátrica	Relato de experiência com abordagem qualitativa	Humanização do cuidado em momentos de crise em saúde mental; Valorização da dignidade e da expressão subjetiva do paciente	Atualização do legado de Nise da Silveira na atenção psicossocial; Continuidade e ressignificação do método niseano
16	DAMIÃO JUNIOR, M. (2021) Fundamentos do método de Nise da Silveira: clínica, sociedade e criatividade	Estudo de análise conceitual	Respeito à subjetividade e à complexidade da experiência psíquica; Promoção de um cuidado terapêutico humanizado	Fundamentos epistemológicos e clínicos do método terapêutico de Nise da Silveira em perspectiva interdisciplinar
17	CATTA-PRETA, M. V. (2021) Diálogos entre Nise e Jung: a obra expressiva de Nise da Silveira e suas contribuições para a psicologia analítica	Estudo teórico-bibliográfico	Valorização da produção simbólica e da subjetividade dos pacientes; Reconhecimento dos pacientes como produtores de conhecimento	A contribuição de Nise da Silveira para a psicologia analítica a partir das atividades expressivas e da leitura de imagens

18	SCHLEDER; HOLANDA (2015) Nise da Silveira e o enfoque fenomenológico	Estudo bibliográfico-qualitativo	Respeito à subjetividade e à existência do paciente; Promoção de práticas terapêuticas humanizadas e inclusivas	Diálogo entre o pensamento de Nise da Silveira e a fenomenologia na abordagem da saúde mental
19	MELO, W. (2010) Nise da Silveira, Fernando Diniz e Leon Hirszman: política, sociedade e arte	Estudo qualitativo de análise interpretativa	Combate à exclusão social de pessoas em sofrimento psíquico; Integração entre arte, política e saúde como ferramenta de transformação social	A articulação entre arte, cinema e saúde mental como forma de transformação social
20	MELO, W. (2007) Maceió é uma cidade mítica: o mito da origem em Nise da Silveira	Estudo teórico-bibliográfico	Reconhecimento da singularidade e subjetividade do indivíduo; Crítica à invisibilização histórica de práticas humanistas na saúde mental	A construção simbólica do legado de Nise da Silveira e sua relação com o mito da origem da liberdade e da reforma psiquiátrica no Brasil
21	FIGUEIRA <i>et al.</i> (2007) O pioneirismo como espelho: o uso da arte por psicólogos em ambientes hospitalares	Estudo teórico-bibliográfico	Promoção do cuidado humanizado em ambientes hospitalares; Valorização da expressão artística como direito terapêutico e forma de inclusão	A arte como recurso terapêutico e instrumento de humanização no cuidado hospitalar em saúde mental
22	MOTTA, A. A. da (2005) Nise da Silveira: 100 anos de emoções de lidar	Análise histórico-biográfica	Valorização do afeto como princípio terapêutico e ético; Resistência às práticas psiquiátricas violentas e à repressão política	A trajetória pessoal e profissional de Nise da Silveira como base da construção de um modelo humanizado de cuidado em saúde mental
23	MESQUITA, L. R. (2000) Nise da Silveira e a luta por uma psiquiatria humanista e libertadora	Estudo teórico-reflexivo	Promoção da autonomia e da liberdade de pensamento na prática clínica; Valorização do diálogo interdisciplinar como	A relação entre liberdade de pensamento, interdisciplinaridade e transformação da psiquiatria na obra de Nise da Silveira

			postura ética no cuidado em saúde	
24	MELO; FERREIRA (2013) Clínica, pesquisa e ensino: Nise da Silveira e as mutações na psiquiatria brasileira.	Estudo teórico-reflexivo	Recusa de práticas violentas e desumanizantes no tratamento psiquiátrico; Criação de espaços de liberdade, expressão e cuidado fora do hospício	A exclusão de Nise da Silveira do espaço acadêmico e a relevância de sua práxis como crítica ao modelo biomédico

Fonte: elaboração própria.

Na planilha abaixo encontram-se sete trabalhos que apresentaram aspectos éticos de forma mais expressiva correlacionando com o método niseano.

Tabela 2 – Artigos incluídos método niseano

Nº	Referência (Autor, ano, título)	Tipo de estudo	Aspectos éticos abordados	Temas principais
1	MAGALDI, F. (2018) A psique ao encontro da matéria: corpo e pessoa no projeto médico-científico de Nise da Silveira.	Estudo qualitativo	Crítica ao tratamento desumano de pacientes psiquiátricos; Promoção da expressão subjetiva e respeito à individualidade	Reforma psiquiátrica no Brasil; Uso de atividades expressivas como linguagem terapêutica
2	OLIVEIRA <i>et al.</i> (2017) Afetividade, liberdade e atividade: o tripé terapêutico de Nise da Silveira no Núcleo de Criação e Pesquisa Sapos e Afogados	Pesquisa de campo e análise do discurso.	Promoção da liberdade e da expressão subjetiva; Crítica ao poder disciplinar e defesa da autonomia dos usuários	Arte e reabilitação psicossocial; Saúde mental e tripé terapêutico de Nise
3	CASTRO; LIMA (2007) Resistência, inovação e clínica no pensar e no agir de Nise da Silveira	Análise histórico-biográfica	Respeito à subjetividade e ao potencial das pessoas em sofrimento psíquico; Crítica à lógica manicomial e promoção da inclusão	Transformações nas práticas da psiquiatria e da terapia ocupacional; Integração entre arte, cultura e saúde mental

4	ALMEIDA <i>et al.</i> (2021) Por um método niseano na saúde mental: a construção de um ateliê de arte na emergência psiquiátrica	Relato de experiência com abordagem qualitativa	Humanização do cuidado em momentos de crise em saúde mental; Valorização da dignidade e da expressão subjetiva do paciente	Atualização do legado de Nise da Silveira na atenção psicossocial; Continuidade e ressignificação do método niseano
5	DAMIÃO JUNIOR; MADDI (2021) Fundamentos do método de Nise da Silveira: clínica, sociedade e criatividade	Estudo de análise conceitual	Respeito à subjetividade e à complexidade da experiência psíquica; Promoção de um cuidado terapêutico humanizado	Fundamentos epistemológicos e clínicos do método terapêutico de Nise da Silveira em perspectiva interdisciplinar
6	MOTTA, A. A. da (2005) Nise da Silveira: 100 anos de emoções de lidar	Análise histórico-biográfica	Valorização do afeto como princípio terapêutico e ético; Resistência às práticas psiquiátricas violentas e à repressão política	A trajetória pessoal e profissional de Nise da Silveira como base da construção de um modelo humanizado de cuidado em saúde mental
7	MELO; FERREIRA (2013) Clínica, pesquisa e ensino: Nise da Silveira e as mutações na psiquiatria brasileira.	Estudo teórico-reflexivo	Recusa de práticas violentas e desumanizantes no tratamento psiquiátrico; Criação de espaços de liberdade, expressão e cuidado fora do hospício	A exclusão de Nise da Silveira do espaço acadêmico e a relevância de sua práxis como crítica ao modelo biomédico

Fonte: elaboração própria

7 DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão sistemática da literatura permitiu mapear e analisar criticamente como os aspectos éticos da obra de Nise da Silveira têm sido abordados na produção acadêmica brasileira. Entende-se que, embora sua trajetória e suas práticas clínicas sejam largamente reconhecidas como pioneiras e transformadoras na área da saúde mental, a dimensão ética que sustenta sua atuação ainda é pouco explorada de forma conceitual e aprofundada.

A maioria dos estudos revisados enfatiza o caráter humanista de sua prática, destacando sua recusa aos antigos métodos manicomiais, a valorização da subjetividade dos clientes e o uso das atividades expressivas como ferramenta terapêutica. No entanto, tais abordagens tendem a tratar a ética de maneira implícita, algumas vezes associando-a a qualidades pessoais, como sensibilidade ou empatia, em vez de articulá-la a referenciais teóricos mais robustos da ética.

Outro aspecto importante identificado foi a baixa quantidade de estudos que abordem criticamente a obra de Nise da Silveira no contexto político e institucional da psiquiatria brasileira. Essa lacuna reforça a importância de pesquisas que investiguem não apenas o impacto clínico de sua atuação, mas também os princípios éticos que a fundamentam e os modos como esses princípios dialogam com correntes contemporâneas do pensamento ético e das práticas em saúde mental.

A pesquisa suscitou alguns questionamentos importantes para investigações futuras. Considera-se, por exemplo, a possibilidade de que, em uma amostra temporalmente mais ampla e com a inclusão de um número maior de bases de dados, possam ser identificados aspectos éticos distintos daqueles encontrados neste estudo. Além disso, no âmbito acadêmico, cabe indagar em que medida os princípios éticos presentes na obra de Nise da Silveira são abordados nos cursos de graduação e pós-graduação das áreas afins.

A obra de Nise revolucionou a psiquiatria brasileira ao defender abordagens humanizadas e a valorização da subjetividade do cliente. A incorporação de outras perspectivas bioéticas e éticas pode aprofundar a compreensão das implicações morais de suas práticas. Nesse contexto, as contribuições de diferentes autores como, por exemplo, a bioética da proteção de Fermin Rolland suscitaria outras possibilidades de dialogar com a obra de Nise trazendo novos olhares e reflexões. Tais reflexões apontam caminhos para estudos posteriores, capazes de aprofundar e expandir a compreensão sobre as dimensões éticas da obra e da prática de Nise da Silveira.

Sobre o resultado encontrado na revisão sistemática foi possível perceber aproximação direta com os trabalhos mencionados nos capítulos anteriores no tocante ao afeto e cuidado com os indivíduos, sendo dois dos aspectos mais identificados se correlacionarmos com os trabalhos mencionados nos outros capítulos. Além da abordagem pioneira desenvolvida por Nise em seu método de trabalho terapêutico.

Dessa forma, esta revisão sistemática evidencia a importância de aprofundar a investigação sobre a ética na obra de Nise da Silveira, ampliando o debate acadêmico para além de uma leitura descritiva. Ao retomar criticamente os fundamentos éticos de sua proposta, esta dissertação pretende contribuir para a valorização de práticas de cuidado mais humanas, críticas e emancipatórias no campo da saúde mental.

REFERÊNCIAS

ADAMO, C. *et al.* Reflexões sobre o método de Nise da Silveira. **Self**, São Paulo, v. 4, n. 1, 2019. DOI: <https://doi.org/10.21901/2448-3060/self-2019.vol04.0007>.

ALMEIDA, B. S.; PEDROSA, H. A.; ROTOLO, L. M. Por um método niseano na saúde mental: a construção de um ateliê de arte na emergência psiquiátrica. **Junguiana**, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 43–56, 2021. Disponível em: <https://janguiana.sbpa.org.br/revista/article/view/152>. Acesso em: 13 out. 2025.

ARAÚJO, K. R. R. X. Ética do cuidado: caminhos para o ensino de filosofia. **Revista PERIAGOGÉ**, Taguatinga, v. 5, n. 1, 2022. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/periagoge/article/view/14786>. Acesso em: 28 jun. 2024.

ARGILES, C. T. L. et al. Redes de sociabilidade: construções a partir do serviço residencial terapêutico. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 7, p. 2049–2058, jul. 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232013000700020>.

AVELLAR DE AQUINO, T. A.; CABRAL, A. C. C. Acerca da religiosidade em Jung e Frankl: do inconsciente coletivo ao inconsciente espiritual. **PARALELLUS - Revista de Estudos de Religião - UNICAP**, Recife, v. 14, n. 34, p. 305–325, 2023. Disponível em: <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/view/2170>. Acesso em: 23 set. 2025.

BARBOSA, P. S. C. Introdução ao estudo da virtude em Aristóteles. **Occursus - Revista de Filosofia**, Fortaleza, v. 3, n. 2, p. 104–113, jul./dez. 2024. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/Occursus/article/view/13548>. Acesso em: 23 set. 2025

BEATO, J. M. O Cuidado Como Virtude - Care as a Virtue: Um Diálogo Entre a Ética Das Virtudes e a Ética Do Cuidado. **Revista Portuguesa de Filosofia**, [s. l.], v. 76, n. 1, pp. 285–318, 2020. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26915604>. Acesso em: 8 abr. 2025.

BEGALLI, A. S. M.; SILVEIRA, C. R. O nascimento do Museu de Imagens do Inconsciente: Memória, Educação E Inclusão na psiquiatria do Brasil. **Revista da Faculdade de Educação**, Cáceres, v. 33, n. 1, p. 15–28, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ppgedu/article/view/4782>. Acesso em: 10 jul. 2025.

BERTI, G. F.; CASTRO, R. C. L. Nise da Silveira e as espécies companheiras. **Junguiana**, São Paulo, v. 42, p. 1–10, 2024. Disponível em: <https://janguiana.sbpa.org.br/revista/article/view/98>. Acesso em: 13 out. 2025.

BERTI, G. F.; CASTRO, R. C. L. Uma clínica catalisadora. **Revista Polis e Psique**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 22–32, 2023. DOI: <https://doi.org/10.22456/2238-152X.123910>.

CARVALHO, S. M. M.; AMPARO, P. H. M. Nise da Silveira: a mãe da humana-idade. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 126–137, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/1415-47142006001010>.

CASTRO, E. D.; LIMA, E. M. F. A. Resistência, inovação e clínica no pensar e no agir de Nise da Silveira. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 11, n. 22, p. 365-76, maio/ago. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832007000200017>. Acesso em: 26 ago. 2024.

CATTA-PRETA, M. V. Diálogos entre Nise e Jung: a obra expressiva de Nise da Silveira e suas contribuições para a psicologia analítica. **Junguiana**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 111-126, jun. 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252021000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 25 jun. 2024.

COELHO, M. T. Á. D.; ALMEIDA FILHO, N. de. Normal-patológico, saúde-doença: revisitando Canguilhem. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 9, p. 13-36, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/physis/1999.v9n1/13-36/pt>. Acesso em: 22 maio 2025.

CRUZ, J. S. Ética das virtudes: em busca da excelência. **Revista de Medicina**, São Paulo, Brasil, v. 99, n. 6, p. 591–600, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistadc/article/view/173129>. Acesso em: 23 ago. 2024.

DA SILVA, M. E. F.; MIGUEL, P. C.; BATAGLIA, P. U. R. Capítulo 4. O desenvolvimento moral segundo carol gilligan: Uma possibilidade para o estudo da moralidade na pesquisa educacional e nas práticas escolares. In: LEPRE, R. M. et al. (org.). **Desenvolvimento moral e educação em valores: estudos e pesquisas**. Bauru: Gradus Editora, 2021. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/602795/2/Desenvolvimento%20Moral.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2025.

DAMIÃO JUNIOR, M. Fundamentos do método de Nise da Silveira: clínica, sociedade e criatividade. **Junguiana**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 91–100, 2025. Disponível em: <https://janguiana.sbpa.org.br/revista/article/view/163>. Acesso em: 13 out. 2025.

DIAS, P. B. **Arte, loucura e ciência no Brasil: as origens do Museu de Imagens do Inconsciente**. 2003. 170 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2003.

ESPERIDIÃO, E.; PEREIRA, M. A. O. Refletindo a trajetória histórica da assistência psiquiátrica. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 53, n. 4, p. 599–606, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/kP4wcPTj79xHG8rbTtmFtd/?lang=pt>. Acesso em: 10 jun. 2025.

ESTUDANTES PARA MELHORES EVIDÊNCIAS. **PRISMA 2020 - checklist para relatar uma revisão sistemática**. Disponível em: <https://eme.cochrane.org/prisma-2020-checklist-para-relatar-uma-revisao-sistematica/>. Acesso em: 10 fev. 2025.

FABRÍCIO, L. G. F. *et al.* Atelier Gaia: sua história e a arte no campo da atenção psicossocial. **Revista Baiana de Saúde Pública**, Salvador, v. 40, n. 2, p. 336–353, abr./jun. 2016. Disponível em: <https://rbsp.sesab.ba.gov.br/index.php/rbsp/article/view/1977/1879>. Acesso em: 13 out. 2025.

FERNANDES, S. M. B. A. **Nise da Silveira e a Saúde Mental no Brasil**: um itinerário de resistência. 2015. 206 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

FIGUEIRA, E.; AMARANTE, M. C.; BELANCIEIRI, M. F. O pioneirismo como espelho: o uso da arte por psicólogos em ambientes hospitalares. **Psicologia Hospitalar**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 100-113, 2007. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-74092007000100007&script=sci_arttext. Acesso em: 13 out. 2025.

FOUCAULT, M. **História da Loucura**. Tradução José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1972. Disponível em: <https://www.uel.br/projetos/foucaultianos/pages/arquivos/Obras/HISTORIA%20DA%20LOUCURA.pdf>. Acesso em: 22 maio 2025.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FRAYZE-PEREIRA, J. A. Nise da Silveira: imagens do inconsciente entre psicologia, arte e política. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 197–208, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142003000300012>.

GALVAO, T. F.; PEREIRA, M. G. Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração. **Epidemiologia e Serviço em Saúde**, Brasília, v. 23, n. 1, p. 183-184, mar. 2014. Disponível em: http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742014000100018&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 17 jul. 2024.

GILLIGAN, C. **Uma voz diferente**: teoria psicológica e o desenvolvimento feminino. Tradução de Renan Marques Birro. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

GOMES, I. M. *et al.* Teoria do cuidado transpessoal de Jean Watson no cuidado domiciliar de enfermagem à criança: uma reflexão. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 555–561, jul. 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-81452013000300021>.

GOMES, L. B., LEITE JUNIOR, F. F. Nise da Silveira: arte, ciência e saúde mental. **Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia**, Juazeiro do Norte, v. 10, n. 3, 2022. DOI: <https://doi.org/10.16891/2317-434X.v10.e3.a2022.pp1512-1520>.

GOMES, L. B.; LEITE JUNIOR, F. F. Nise da Silveira: arte, ciência e saúde mental. **Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia**, Juazeiro do Norte, v. 10, n. 3, p. 1512–1520, 2022. Disponível em: <https://interfaces.unileao.edu.br/index.php/revista-interfaces/article/view/1019>. Acesso em: 26 ago. 2024.

GOMES, C. L.; BRITO, C. M. D. “Nise, o coração da loucura”: representações femininas em um filme sobre a terapêutica ocupacional. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, São Carlos, v. 27, n. 3, p. 638–649, 2019. DOI: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1730>.

GUIMARÃES, J.; SAEKI, T. Sobre o tempo da loucura em Nise da Silveira. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 531–538, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232007000200029>.

GREGOLIN, M. R. A história da loucura de Michel Foucault: um livro seminal no vórtice infinito de leituras. **Cadernos Discursivos**, Catalão-GO, ed. esp., p. 5-24, 2022. Dossiê “60 anos da obra História da Loucura, de Michel Foucault”.

GULLAR, F. **Nise da Silveira**: uma psiquiatra rebelde. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2024.

DIAS, D. M. *et al.* Humanization of care in the Intensive Care Unit: integrative literature review. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 11, n. 4, p. e53911427852, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/view/27852>. Acesso em: 5 ago. 2025.

HADDOCK-LOBO, R. História da loucura de Michel Foucault como uma “história do outro”. **Veritas**, Porto Alegre, v. 53, n. 2, 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/veritas/article/view/4458>. Acesso em: 4 nov. 2025.

KARAS, L.; MOREIRA, T. Vida e obra de Jung: sobre psicologia analítica e contemporaneidade. **Cadernos de Psicologia**, Curitiba, n. 4. Disponível em: <https://cadernosdepsicologias.crppr.org.br/a-vida-e-obra-de-jung-sobre-a-psicologia-analitica-contemporaneidade/>. Acesso em: 31 out. 2025.

JORGE, M. S. B.; BEZERRA, M. L. M. R. Inclusão e exclusão social do doente mental no trabalho: representações sociais. **Texto & Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 13, n. 4, p. 551-8, out./dez. 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/zS8QGxxBK5K4BCtGfgps3xK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 nov. 2025.

LEMOS, D. de S. A moderna política dos castigos uma perspectiva da punição em Michel Foucault. **Em Tese**, Pelotas, v. 10, n. 1, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1806-5023.2013v10n1p114>. Acesso em: 21 maio 2025.

LOUSA, T.; MIKOSZ, J. E. Nise da Silveira y el uso revolucionario del arte como Terapia Ocupacional en el contexto psiquiátrico. **Revista Ocupación Humana**, Bogotá, v. 22, n. 2, p. 228–241, 2022. Disponível em: <https://latinjournal.org/index.php/roh/article/view/1400>. Acesso em: 13 out. 2025.

MACEDO, V. A importante contribuição da obra de Nise da Silveira para a Psicologia Analítica de Jung. **Junguiana**, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 29–42, 2021. Disponível em: <https://janguiana.sbpa.org.br/revista/article/view/151>. Acesso em: 13 out. 2025.

MAGALDI, F. S. A psique ao encontro da matéria: corpo e pessoa no projeto médico-científico de Nise da Silveira. **História, Ciências, Saúde, Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 69–88, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702018000100005>.

MAGALDI, F. S. Das memórias de Nise da Silveira no hospital psiquiátrico do Engenho de Dentro. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 3, p. 635–665, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-49442019v25n3p635>.

MAGALDI, F. S. **Mania de Liberdade**: Nise da Silveira e a humanização da saúde mental no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2020.

MAGALDI, F. S. A metamorfose de Adelina Gomes: gênero e sexualidade na psicologia analítica de Nise da Silveira. **Revista Latinoamericana Sexualidad, Salud Y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 30, p. 119–140, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2018.30.06.a>.

MELO, W. Maceió é uma cidade mítica: o mito da origem em Nise da Silveira. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 101–124, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642007000100006>

MELO, W. Nise da Silveira e o campo da Saúde Mental (1944-1952): contribuições, embates e transformações. **Mnemosine**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/mnemosine/article/view/41432>. Acesso em: 3 nov. 2025.

MELO, W. Nise da Silveira, Fernando Diniz e Leon Hirszman: política, sociedade e arte. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 633–652, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642010000300011>.

MELO, W; FERREIRA, A. P. Clínica, pesquisa e ensino: Nise da Silveira e as mutações na psiquiatria brasileira. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 16, n. 4, 555–569, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1415-47142013000400005>.

MESQUITA, L. R. Nise da Silveira e a luta por uma psiquiatria humanista e libertadora. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 52, n. 4, p. 59-66, 2000.

MESSIAS, A. L. **Continuidades e discontinuidades entre o pensamento de Nise da Silveira e Michel Foucault**: acerca da esquizofrenia. 2023. 69 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) –Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2023.

MISSAGIA, J. Ética do cuidado: duas formulações e duas objeções. **Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas**: Mulheres na Filosofia, v. 6, n. 3, p. 55-67, 2020. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/etica-do-cuidado/>. Acesso em: 16 jul. 2024.

MISSAGIA, J. Ética do cuidado: duas formulações e suas objeções. **Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas**: Mulheres na Filosofia, v. 6, n. 3, p. 55-67, 2020. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/etica-do-cuidado/>. Acesso em: 17 nov. 2025.

MOTTA, A. A. Nise da Silveira, 100 anos de emoção de lidar. **Junguiana**, São Paulo, v. 3, p. 7–21, 2005.

NISE da Silveira: Do Mundo da Caralâmpia à Emoção de Lidar - PARTE I. Rio de Janeiro: Casa das Palmeiras, 2020. 1 vídeo (30:05 minutos). Publicado pelo canal Casa das Palmeiras - Nise da Silveira. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=m1SNKVG3_l4. Acesso em: 25 jun. 2024.

OLIVEIRA, P. F.; MELO JÚNIOR, W.; VIEIRA-SILVA, M. Afetividade, liberdade e atividade: o tripé terapêutico de Nise da Silveira no Núcleo de Criação e Pesquisa Sapos e Afogados. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei, v. 12, n. 1, e241, jan./abr. 2017.

OLIVEIRA, W. V. A fabricação da loucura: contracultura e antipsiquiatria. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 141–154, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702011000100009>. Acesso em: 10 mar. 2025.

PACHECO, M. V. P. C. Esquirol e o surgimento da psiquiatria contemporânea. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 152–157, jun. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/wdZ8NCsDnBst4Nq3jZjgBMb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 nov. 2025.

PASSETTI, E. Nise da Silveira, uma vida como obra de arte, por Edson Passetti. **CONTIoutra**, 27 jun. 2015. Disponível em: <https://www.contioutra.com/nise-da-silveira-uma-vida-como-obra-de-arte-por-edson-passetti/>. Acesso em: 20 fev. 2025.

PEREIRA, D. E. A. **Reforma psiquiátrica no Brasil e a contribuição esquecida de Nise da Silveira**. 2017. 16 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Saúde Coletiva) – Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/19822/1/2017_EllenAdrianeBarbosaPereira_tcc.pdf. Acesso em: 12 jul. 2024.

PRISMA Translations — Prisma Statement. **PRISMA statement**. Disponível em: <https://www.prisma-statement.org/translations>. Acesso em: 10 fev. 2025.

REGO, S; PALÁCIOS, M.; SIQUEIRA-BATISTA, R. **Bioética para profissionais da saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009. 160 p. (Coleção Temas em Saúde).

RORIZ, T. M. S.; AMORIM, K. S.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C. Inclusão social/escolar de pessoas com necessidades especiais: múltiplas perspectivas e controversas práticas discursivas. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 167–194, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642005000200009>.

SERBENA, C. A. Considerações sobre o inconsciente: mito, símbolo e arquétipo na psicologia analítica. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 76–82, jun. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000100010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 5 ago. 2025.

SCHLEDER, K. S.; HOLANDA, A. F. Nise da Silveira e o enfoque fenomenológico. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 21, n. 1, p. 49–61, jan./jun. 2015. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-68672015000100006. Acesso em: 5 ago. 2025.

SILVA, M. E. F.; SOUZA, L. L. de. A teoria da Ética do Cuidado de Carol Gilligan e suas potencialidades e fragilidades enquanto teoria feminista. In: BRABO, T. S. A. M.; FUJITA, M. S. L. (org.). **Mulheres em tempos de pandemia**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2023. p. 25–48.

SILVA, A. L.; FREITAS, M. G. de. O ensino do cuidar na Graduação em Enfermagem sob a perspectiva da complexidade. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 44, n. 3, p. 687–93 set. 2000. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0080-6234201000030001>.

SILVEIRA, N. **Gatos, a emoção de lidar**. Belo Horizonte: Editora Léo Christiano, 1998.

SILVEIRA, N. **O mundo das imagens**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2024.

SILVEIRA, N. **Imagens do inconsciente**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Limitada, 2015.

SILVEIRA, F. A.; SIMANKE, R. T. A psicologia em História da Loucura de Michel Foucault. **Fractal: Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 23–42, jan. 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1984-02922009000100003>.

SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Revista Brasileira de Fisioterapia**, São Carlos, v. 11, n. 1, p. 83-89, jan./fev. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbfis/a/79nG9Vk3syHhnSgY7VsB6jG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 dez. 2024

SERAPIONI, M. Franco Basaglia: biografia de um revolucionário. **História, Ciências, Saúde, Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 4, p. 1169–1187, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702019000400008>.

SOUSA, J. E. A ética das virtudes e a proposta da ética do cuidado de Michael Slote. **Revista de Filosofia Argumentos**, Piauí, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3493/1/2009_Art_JESousa.pdf. Acesso em: 10 out. 2025.

SOUSA, J. E. **As virtudes da responsabilidade compartilhada**: Uma ampliação da teoria das virtudes de Alasdair MacIntyre. Tese (Doutorado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

SHARP, D. **Jung Lexicon**. Toronto: Inner City Books, 1991.

SPINELLI, L. M. A ética do cuidado de Carol Gilligan: denúncia e resistência. **Thaumazein**, Santa Maria, Ano XI, v. 16, n. 32, p. 43-51, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufn.br/index.php/thaumazein/article/view/4499/3272>. Acesso em: 30 jul. 2024.

SWANTON, C. **Virtue Ethics**: a pluralistic review. Oxford: Oxford University Press, 2003.

RESENDE, G. L.; SILVA, R. A. N. O poder de normalização e a produção do indivíduo perigoso. **Fractal: Revista De Psicologia**, v. 28, n. 3, p. 324–332, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-0292/118>.

TEIXEIRA, M. O. L. Pinel e o nascimento do alienismo. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 540-560, ago. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812019000200012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 17 nov. 2025.

TENÓRIO, F. A reforma psiquiátrica brasileira, da década de 1980 aos dias atuais: história e conceitos. **História, Ciências, Saúde, Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 25–59, jan. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702002000100003>. Acesso em: 17 nov. 2025.

TESTA, F. **Filosofia e desrazão**: poder, resistência e estética na história da locura de Michel Foucault. 2012. 200 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/3554/1/000443455-Texto%2bCompleto-0.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2025.

TRUJILLO, D. H. S.; SILVEIRA, F. C. L.; SAMPAIO, A. M. Psiquiatria, segregação e punições: análises a partir de Michel Foucault. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, Salvador, v. 10, n. 1, p. 207–220, 2021. Disponível em: <https://journals.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/3174>. Acesso em: 21 maio 2025.